



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS - PORTUGUÊS**

SARA ROSANGELA SOUZA DA SILVA

**ENGAJAMENTO SOCIAL NA NARRATIVA ANGOLANA CONTEMPORÂNEA:
ESTUDO DA OBRA *FILHOS DA PÁTRIA*, DE JOÃO MELO**

**SANTARÉM – PA
2024**

SARA ROSANGELA SOUZA DA SILVA

**ENGAJAMENTO SOCIAL NA NARRATIVA ANGOLANA CONTEMPORÂNEA:
ESTUDO DA OBRA *FILHOS DA PÁTRIA*, DE JOÃO MELO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Programa de Letras para obtenção do título de Licenciada
em Letras; Universidade Federal do Oeste do Pará,
Instituto de Ciências da Educação.
Orientador: Prof. Dr. Luiz Fernando de França

**SANTARÉM – PA
2024**

SARA ROSÂNGELA SOUZA DA SILVA

**ENGAJAMENTO SOCIAL NA NARRATIVA ANGOLANA CONTEMPORÂNEA:
ESTUDO DA OBRA *FILHOS DA PÁTRIA*, DE JOÃO MELO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Programa de Letras para obtenção do título de Licenciada
em Letras; Universidade Federal do Oeste do Pará,
Instituto de Ciências da Educação.
Orientador: Prof. Dr. Luiz Fernando de França

Conceito:

Data de aprovação: ____/____/____

Prof. Dr. Luiz Fernando de França – Orientador
Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Odenildo Queiroz de Sousa
Universidade Federal do Oeste do Pará

Mestranda Dayana Taveira Paixão
Universidade Federal do Oeste do Pará



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS

**ATA DE DEFESA PÚBLICA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
(TCC)**

Aos vinte e quatro dias do mês de maio de dois mil e vinte e quatro, a partir das onze horas, na cidade de Santarém, Estado do Pará, de forma presencial, na Afroteca Willivane Melo, ocorreu a Sessão Pública de Defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) "**Engajamento social na narrativa angolana contemporânea: um estudo da obra Filhos da Pátria, de João Melo**", de autoria de **Sara Rosângela Souza da Silva**, matrícula 201700822, sob a orientação da **Prof. Dr. Luiz Fernando de França**, da Universidade Federal do Oeste do Pará. A Banca Examinadora foi composta pelo orientador, Presidente desta Banca, pelo **Prof. Dr. Odenildo Queiroz de Souza** e pela **Mestranda Dayana Taveira Paixão**. Após a análise do texto e defesa, o TCC foi (X) aprovado / () reprovado, resultando na nota 10,0. Recomendações da Banca: Revisão geral do texto, pontuação, formatação, parágrafos e citações.

Proclamados os resultados pelo Presidente da Banca, foram encerrados os trabalhos. E, para constar, eu, Prof. Dr. Luiz Fernando de França, lavrei a presente ata que será assinada pela autora do trabalho e pelos membros da banca examinadora.

Santarém-PA, 25 de maio de 2024.

Sara Rosângela Souza da Silva
Sara Rosângela Souza da Silva
Autora

Luiz Fernando de França
Prof. Dr. Luiz Fernando de França
Orientador

Odenildo Queiroz de Souza
Prof. Dr. Odenildo Queiroz de Souza
Examinador

Dayana Taveira Paixão
Mestranda Dayana Taveira Paixão
Examinador

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/UFOPA

S586e Silva, Sara Rosangela Souza da
Engajamento social na narrativa angolana contemporânea: estudo da obra *Filhos da Pátria*, de João Melo / Sara Rosangela Souza da Silva. – Santarém, 2024.
49 p.
Inclui bibliografias.

Orientação: Luiz Fernando de França.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Licenciatura em Letras – Português e Inglês.

1. Literatura angolana - História e crítica. 2. Literatura angolana– Aspecto político e social. 3. Contos angolanos. I. França, Luiz Fernando de, *orient.* II.Título.

CDD: 23 ed. 869.09

AGRADECIMENTO

A jornada para alcançar nossos objetivos é muitas vezes marcada por desafios e obstáculos que testam nossa resiliência e determinação. Cada dificuldade enfrentada é uma oportunidade de crescimento e aprendizado, moldando-nos e fortalecendo nosso caráter. Ao longo do meu percurso acadêmico encontrei inúmeros obstáculos que, à primeira vista, pareciam intransponíveis. Houve momentos de incerteza, desânimo e cansaço extremo, nos quais a tentação em desistir era grande. No entanto, em cada um desses momentos, escolhi perseverar, impulsionado pelo desejo de alcançar meus objetivos e pelo apoio inabalável daqueles que jamais deixaram que eu desistisse.

Superar esses desafios exigiu muita disciplina, paciência e coragem. Cada passo dado, por menor que fosse, aproximava-me um pouco mais da realização dos meus sonhos. Aprendi a enxergar os percalços não como barreiras, mas como degraus que me permitiram subir cada vez mais, mantendo o foco e a motivação, mesmo quando os resultados parecem distantes. Alcançar mais esta etapa da minha vida não foi apenas uma vitória pessoal, mas também uma homenagem a todos que me apoiaram e acreditaram em mim. Cada conquista é um testemunho da importância de não desistir diante das dificuldades e de sempre seguir em frente, com determinação e esperança.

Assim quero agradecer primeiramente a Deus, pela força, saúde e sabedoria concedidas ao longo desta jornada acadêmica. A presença d'Ele foi essencial, pois me fortaleceu durante todo o processo.

Agradeço aos meus pais, Sidnei Ferreira da Silva e Raimunda Souza da Silva.

À minha madrastra, que é a mãe que a vida me deu, Francinete Lima da Silva.

Ao meu companheiro de todas as horas, Leonardo Didier Campinas.

Ao meu orientador, Luiz Fernando, e ao Marcos Junio, que não desistiram de mim. Muito pelo contrário, lutaram para que eu concluísse este trabalho até os “45 do segundo tempo”.

Minha eterna gratidão pelo amor incondicional, apoio e incentivo. Vocês sempre acreditaram no meu potencial e me proporcionaram as melhores condições para que eu pudesse alcançar meus objetivos. Sem vocês, este sonho não seria possível.

RESUMO

Angola é um país que passou por um longo período de colonização e uma subsequente luta pela independência. Neste sentido, a literatura angolana desempenha um papel importante na preservação da memória coletiva, na expressão das lutas, aspirações do povo e na crítica das estruturas sociais e políticas. Importantes autores contemporâneos veem na literatura uma ferramenta poderosa para explorar as complexidades da identidade nacional, os efeitos duradouros do colonialismo e os desafios enfrentados pela sociedade pós-colonial. João Melo é um autor proeminente dessa literatura, e sua obra *Filhos da Pátria* (2001) exemplifica o engajamento social característico das narrativas angolanas contemporâneas que abordam temas da vida cotidiana, conflitos sociais, desigualdades econômicas e as lutas por justiça e dignidade. Suas histórias não apenas documentam a realidade angolana, mas também incentivam uma reflexão crítica sobre a sociedade. Este estudo tem como objetivo desenvolver uma análise do engajamento social nesta obra do autor. Importantes referências como Laura Padilha (2003), Fernando Noa (2006) e Rita Chaves (2009) auxiliaram na caracterização dessa narrativa mais contemporânea. Também foram utilizadas diferentes abordagens de quatro trabalhos acadêmicos que exploram as temáticas e características da escrita de Melo, tais como dor, violência nos pós-independência, a voz na narrativa, uso da ironia e a representação. Por fim, o estudo do engajamento literário focaliza dois contos: “O cortejo” e “Elevador”. O estudo das narrativas concentra-se na presença de temas contemporâneos como desigualdades sociais, protesto e corrupção.

Palavras-chaves: Literatura angolana contemporânea, engajamento social, *Filhos da Pátria*.

ABSTRACT

Angola is a country that went through a long period of colonization and a subsequent struggle for independence. In this sense, Angolan Literature plays an important role in preserving collective memory, expressing the struggles and aspirations of the people and criticizing social and political structures. Leading contemporary authors see literature as a powerful tool for exploring the complexities of national identity, the lasting effects of colonialism, and the challenges facing postcolonial society. João Melo is a prominent author of this literature, and his work *Filhos da Pátria* (2001) exemplifies the social engagement characteristic of contemporary Angolan narratives that address themes of everyday life, social conflicts, economic inequalities and the struggles for justice and dignity. Their stories not only document the Angolan reality, but also encourage critical reflection on society. This study aims to develop an analysis of social engagement in this author's work. Important references such as Laura Padilha (2003), Fernando Noa (2006) and Rita Chaves (2009) helped to characterize this more contemporary narrative. Different approaches were also used from four academic works that explore the themes and characteristics of Melo's writing, such as pain, post-independence violence, voice in the narrative, use of irony and representation. Finally, the study of literary engagement focuses on the short stories: "O cortejo" and "Elevador". The study of narratives focuses on the presence of contemporary themes such as social inequalities, protest and corruption.

Keywords: Contemporary Angolan literature, social engagement, *Filhos da Pátria*.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 CARACTERÍSTICAS DA NARRATIVA ANGOLANA CONTEMPORÂNEA	11
2 CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE A NARRATIVA DE JOÃO MELO	20
3 ANÁLISE DOS CONTOS DA OBRA <i>FILHOS DA PÁTRIA</i>	33
3.1 Luxo, pobreza e protesto em “O cortejo”	34
3.2 Ascensão, contradição e corrupção em “Elevador”	39
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
5 REFERÊNCIAS	49

INTRODUÇÃO

Ao estudar o engajamento social na narrativa angolana contemporânea mergulhamos em um universo literário profundamente enraizado na história e na vivência do povo angolano. A literatura desempenha um papel vital na preservação da memória coletiva, na expressão das lutas e aspirações do povo e na crítica das estruturas sociais e políticas. Em Angola, um país que passou por um longo período de colonização e uma subsequente luta pela independência, a literatura é uma ferramenta poderosa para explorar as complexidades da identidade nacional, os efeitos duradouros do colonialismo e os desafios enfrentados pela sociedade pós-colonial.

Neste sentido, autores como João Melo, através de obras como *Filhos da Pátria*, apresentam narrativas que não apenas contam histórias, mas também lançam luz sobre questões sociais urgentes. Eles retratam a vida quotidiana, os conflitos sociais, as desigualdades econômicas e as lutas individuais e coletivas por justiça e dignidade. Ao fazer isso, os escritores documentam a realidade angolana, assim como a interpretam e a questionam, incentivando o leitor a refletir criticamente sobre o mundo ao seu redor.

Além disso, a Literatura Angolana contemporânea oferece uma plataforma para vozes marginalizadas e experiências muitas vezes silenciadas. Ela amplifica as vozes dos pobres, dos oprimidos, das mulheres, dos jovens e de outros grupos à margem de uma sociedade opressora, proporcionando, dessa forma, uma representação mais inclusiva e diversificada da sociedade angolana. Ao estudar essa narrativa podemos entender melhor as dinâmicas sociais e culturais em jogo, bem como os desafios e as oportunidades enfrentados pelo povo angolano no século XXI.

Este estudo tem como objetivo fazer uma análise do livro de contos “Filhos da Pátria” (2001), de João Melo, a partir dos elementos que compõem as narrativas angolanas contemporâneas vinculados ao contexto pós-independência de Angola, tais como são apresentados na obra. A literatura de Angola busca mostrar a valorização do universo africano a partir de uma perspectiva que, em geral, critica as más condições de vida existentes no país.

O interesse por esse tema teve origem na disciplina de Literatura Africanas de língua Portuguesa, na qual tive meu primeiro contato com a Literatura Angolana, e que me aproximou da escrita de João Melo. Ao ler *Filhos da Pátria* durante a pandemia, encantei-me com seu estilo autêntico, que denuncia as mazelas da sociedade combinando elementos da tradição literária angolana com uma visão contemporânea e crítica. O escritor usa uma

linguagem acessível para retratar personagens e situações que refletem a diversidade da sociedade angolana, muitas vezes incorporando sátira e ironia para abordar questões delicadas com maior sensibilidade. Seus textos são ricos em metáforas, cativando os leitores com narrativas que se assemelham à realidade angolana.

O problema central desta pesquisa reside na complexidade da narrativa angolana contemporânea e seu engajamento com a realidade pós-independência do país. Ao mergulhar na história colonial de Angola e entender o processo de independência em 1975, surgiram questões pertinentes sobre como a literatura reflete e recria a sociedade angolana nesse período. Questões como o cenário social pós-independência, as características da literatura angolana contemporânea e seu nível de engajamento social se tornam cruciais para compreender o papel da obra literária na crítica e na representação do contexto angolano atual. Ao longo deste trabalho, busco responder essas questões por meio da análise da obra "Os Filhos da Pátria" e de outros textos representativos da narrativa angolana contemporânea, examinando como o engajamento social é estruturado, suas especificidades e como a obra recria e critica o contexto angolano contemporâneo.

Este trabalho está assim dividido: no primeiro capítulo serão abordadas algumas características que compõe a literatura angolana mais contemporânea. No segundo, serão discutidos os aspectos que caracteriza a narrativa de João Melo. No terceiro capítulo, analiso os contos "Elevador" e "O cortejo", do livro *Filhos da Pátria* de João Melo, como forma de exemplificar esse discurso engajado do escritor.

1. CARACTERÍSTICAS DA NARRATIVA ANGOLANA CONTEMPORÂNEA

Neste capítulo irei discutir algumas características da narrativa angolana contemporânea. Para desenvolver esta discussão irei utilizar os seguintes autores: Laura Padilha (2002), Francisco Noa (2006) e Rita Chaves (2009)

No livro *Novos pactos, outras ficções: ensaios sobre literaturas afro-luso-brasileira*, especificamente no ensaio *Ficção angolana pós-75 processos e caminho*, Padilha discorre sobre alguns aspectos da narrativa angolana mais contemporânea, na qual percebemos duas formas de enxergar Luanda: *Luanda* e *Lunda*. Apesar de ambas servirem de base para a cenarização das narrativas, elas apresentam grandes diferenças entre si, como a autora aborda em sua obra:

Podemos afirmar que Luanda e Lunda não se auto-representam apenas, mas se fazem metáforas da existência de duas Angolas. A cidade á beira-mar plantada é o espaço por excelência onde se condensaram os sinais da presença do colonizador branco e sua forma ocidental de demarcação urbana. Já o berço de lueji significa uma forma de condensação imagística de outra realidade territorial angolana onde, ao invés de marcas brancas, aviltaram senzalas e quimbos, como negros sinais (Padilha, 2002, p. 27).

Luanda é caracterizada pela autora como sendo um lugar “assimilado”, que no contexto colonial, corresponde àquele que deixava um pouco suas raízes, seus traços suas identidades originais, tendo forçadamente que se ligar à cultura do colonizador, no sentido de um espaço que foi colonizado, modificado. O “assimilado” teria, por exemplo, que saber falar o português, possuir certo domínio da leitura e da escrita em português, além de ter que se converter ao catolicismo. Como benefício, era dado o direito de frequentarem a escola junto com os filhos do colonizador, além de obterem a nacionalidade portuguesa, justificando-se esta medida como um princípio de igualdade de direitos e de oportunidades, direitos esses que, sabemos bem, não existiam.

Padilha (2002) traz também essa ideia de Luanda como “cidade plantada” reforçando novamente essa “assimilação”, a forma de urbanização com traços do colonizador.

Por outro lado, temos Lunda, um espaço de resistência que está mais ligado à tradição, “berço de luejí”¹, é uma outra forma de ver Luanda, através da dimensão mitológica, onde a história é contada a partir de lueji, essa narrativa mítica, não é a mesma história de construção da cidade pelo colonizador, mas sim uma construção com base em uma narrativa

africana, há uma tentativa de dar voz a sociedade marginalizada, buscando valorizar as tradições e especificidades da realidade angolana.

Padilha (2002) traz uma citação de Pepetela, na qual podemos observar um certo confronto entre as duas Angolas que se dá a partir dessa divisão de elite: a *urbana* e a *tradicional*. Tendo também a necessidade de se criar uma ponte entre essas duas Angolas como forma de integralização da elite, ou seja, olhar para as pessoas carentes e perceber que existem um outro lado que precisa ser acompanhado mais de perto.

Ainda segundo a autora, existe uma busca da nacionalidade nas ficções contemporâneas: “[...] acirra-se o desejo de recuperar tudo aquilo que é percebido pelo imaginário como representativo de um passado local onde se fincam as profundas raízes de uma identidade nacional [...]” (Padilha, 2002, p. 28), ou seja, uma literatura que se nega a ser somente uma literatura do colonizador, a herança colonial, mas que pretende chamar a atenção para o outro lado, o lado das excluídos, dos musseques.

Padilha (2002) utiliza uma coletânea de Boaventura Cardoso e Pepetela para comentar as duas cidades. Boaventura centraliza a discussão no povo do musseque, fala das vendedoras, dos bairros da fauna, tradições, da força africana, havendo o desejo de uma identidade maior. Já Pepetela chama a atenção para a tentativa de fazer uma interação entre os espaços, como apresentado a seguir:

Tal projeto é percebido pelo imaginário do escritor como algo que só pode ser atingido, em um primeiro momento, pela revolução e, no pós-independência, pela interação das duas Angolas, a urbana e a tradicional, no sentido da citação atrás recuperada (Padilha, 2002, p.30).

Nesse sentido, Padilha (2002) discute as ficções contemporâneas a partir das duas imagens de Angola, partindo da modernidade do “assimilado” e indo de encontro com a “tradição da resistência”. A autora também apresenta os diálogos que os autores mantêm sobre as cidades, em que um lado busca as tradições, como é o caso do Boaventura Cardoso, e o outro tenta estabelecer uma ponte, criar uma interação entre os dois mundos, como é o caso do Pepetela.

Percebe-se que em alguns casos há uma tentativa de interação entre as duas Angolas, já em outros momentos, há uma tentativa de ruptura maior, pois de um lado há um grupo privilegiado e de outro um grupo de excluídos. Nesse viés, não é possível estabelecer um nível de igualdade social, visto que um lado se aproveita da classe mais vulnerável. É essa relação mais crítica e menos cultural que está presente nos contos “O elevador” e “O cortejo”

de João Melo, e, apesar de haver a convivência entre ambas as partes, não há uma harmonia. O autor aborda uma contra violência na tentativa de mostrar um outro lado de Angola, aquela mais voltada para as sanzalas e quimbos.

Ainda como forma de buscar caracterizar a narrativa angolana contemporânea, é importante trazer para a discussão os estudos Francisco Noa (2006) e sua obra intitulada “Modos de fazer mundos na atual ficção moçambicana”, ele discute as interações entre o mundo criado pela literatura e o mundo real que o inspira, especialmente no contexto das literaturas africanas, com foco na literatura moçambicana. Noa argumenta que, embora o mundo real influencie a criação dos mundos ficcionais ao fornecer modelos para sua estrutura, o mundo ficcional é um conjunto imerso de domínios diversificados que abriga uma variedade de personagens, eventos e ações. Ele destaca que o mundo ficcional da literatura é uma construção textual, com seus próprios mecanismos de autenticação e sustentação. No entanto, Noa também observa que o sistema literário de uma cultura é influenciado por diferentes representações e divisões de mundos, tanto individuais quanto coletivas.

Nesse sentido, mesmo abordando Moçambique no contemporâneo, as questões que o autor discute no texto estão de certa forma relacionadas com Angola, como podemos observar no seguinte trecho:

Em relação a nossas literaturas, as suas especificidades residem na oscilação, confronto ou conciliação entre uma visão do mundo de matriz claramente ocidental e os múltiplos assomos estéticos e temáticos ligados, à perseguição de uma pretensa ou original mundividência negro-africana que alimentam e estruturam. [...] A ficção moçambicana atual acaba por se equilibrar, ou desequilibrar, entre o apelo do cânone ocidental, quer em termo de construção literária, quer em termos de recepção[...] é uma necessidade orgânica de interpelar o meio circundante, reescrevendo as linguagens, os imaginários, os seres, os espaços e o tempo (Noa, 2006, p. 168-169).

A discussão levantada pelo autor nesse trecho tem de Padilha, discutido anteriormente, na qual a autora expõe a oscilação entre os dois “mundos”, confronto proveniente da divisão de elite - a *tradicional* e a *urbana*. Essa literatura segundo Noa, muitas vezes busca uma originalidade multivisão afrodescendente que alimenta e estrutura suas narrativas.

Noa (2006) apresenta algumas concepções como forma de configurar os modos de fazer mundos através de três invariáveis: as linguagens, os espaços e os seres.

Um primeiro tipo de representação de linguagem é a “Linguagem do corpo”, na qual há uma forte presença do erotismo e a sensualidade, e para caracterizar esse tipo de linguagem o autor apresenta um trecho da obra “Rosa xintimane”, de Aldino Muianga:

“Da dona Miquelina Santos, a patroa com o sangue “sempre a correr tumultuoso, incendiando o corpo por ondas de desejos que lhe minavam as energias e a tornavam irritadiças e doentia. Era o corpo a clamar por prazeres, turvo e febril de necessidade insaciadas” (Muianga, 2002 p 8-9).

A linguagem do corpo pode ser representada através de várias formas como, por exemplo, através dos desejos insaciáveis protagonizados pela personagem Miquelina, ou simplesmente pelos movimentos sinuosos da dança, no qual as personagens fora dos padrões da estética deixam de lado a vergonha e entregam a observado abaixo:

Mulheres de corpos roliços abandonam a frescura do chão, e num gesto feito pelo hábito, ajeitam as capulanas e marcam a cadência da dança. Os corpos balançam numa imaginada e desejada volúpia, arrebatadas pelo ritmo (Muianga, 2002, p. 26, *apud* Noa, 2006, p. 270).

Posteriormente, aborda-se a “Linguagem da imaginação”, aspecto que visa a rememoração, revivendo as memórias das personagens, além de fazer adaptações, as quais pode levar a desequilíbrio do mundo real e o imaginário, fazendo com que a personagem se torne prisioneira do seu próprio eu: “Parecia viver fora desse mundo, prisioneira no seu próprio, de sonhos que não vê materializar-se... Viera da pitoresca ilha da Madeira com a cabeça povoada de imagens fantasiosas sobre África” (p. 9 *apud* Noa, 2006 p.270).

Por fim, tem-se a “Linguagem da oralidade”, que segundo o autor vai se apresentar de duas formas: a primeira pode se apresentar de uma forma mais informal envolvendo as questões observadas do cotidiano “urbano” e “suburbano”. “a segunda, o rumor corre, solto como o vento. - Também já não era solto como o tempo – comemorava uma vizinha que tinha pela Rosinha um respeito devotado – Doze anos sem homem não é brincadeira nenhuma” (p. 60 *apud* Noa, 2006,p.270). Por outro lado, pode se apresentar como uma ordem que não muda, a “Linguagem das tradições”, passada de gerações em gerações. Pode ser ritualizada através das canções populares ou por meio das histórias contadas pelos mais velhos: “[...] se ela for voltar incapaz de nos ofertar um neto, outra alternativa não nos resta senão mandá-la de volta para a casa dos pais. A suas origens” (p. 44 *apud* Noa, 2006, p. 270).

A “Linguagem das tradições” pode ser representada também pela voz que media a comunicação entre os espíritos dos mortos e pessoas vivas, que alertam contra os perigos futuros ou dando entendimento sobre grandes desastres.

Sou Makhahlele, bisneto de Mathmedzi, dono desta lãguas que se estendem desde Rikatla às duas praias, lá junto ao oceano desde os vales de Nhanhine às águas de Nkomazi , aquele a quem os animais das florestas prestam vassalagem e as aves do céu dedicam canto. Estou aqui entre vós para vos narrar meus agravos, anunciar e exigir as minhas compreensões (p. 45 *apud* Noa, 2006, p. 271).

Essas são apenas algumas das formas que a linguagem vai se apresentar nas ficções que se está criando em Moçambique.

No que diz respeito à “Representação dos espaços”, Noa (2006) apresenta três características de espaços: a *cidade*, o *subúrbio* e o *campo*, que podem ser representados juntos ou de forma individual. Suas representações agregam uma grande “carga simbólica e informacional” tanto como lugar de conflitos, como de convivência. Esses espaços não só vão abordar as eventualidades narradas como também a importância da “força semiótica” presente no imaginário coletivo, ou no particular.

O espaço do campo é determinado pelo autor através dos elementos naturais que compõem as zonas rurais, como as “árvores, chagas, pântanos, vales, animais, mato, chuva, as estrelas”, e humanos: “pastores, o povoado, armadilhas de codornizes, o poço, a carroça, a fogueira”, entre outros elementos responsáveis por constituir o plano de fundo dessas narrativas.

Em contrapartida, Noa (2006) aborda o espaço da cidade - que nas obras de João Melo é muito significativo - reforçando a questão das desigualdades sociais, do *centro x periferia*. Esse mesmo aspecto é exposto através das dinâmicas complexas da sociedade angolana durante o período de independência, destacando as tensões entre diferentes grupos sociais, as lutas individuais pela identidade em meio às mudanças políticas e as dificuldades enfrentadas pelas personagens diante dos desafios sociais emergentes. O autor oferece uma visão perspicaz das relações humanas e das transformações sociais, proporcionando aos leitores uma compreensão mais profunda dos impactos individuais e coletivos desses momentos históricos em Angola.

Segundo Noa (2006), na “Representação dos seres ” existe uma individualidade e coletividade na representação dos personagens na literatura moçambicana. Ele destaca que os personagens muitas vezes oscilam entre esses dois extremos, refletindo não apenas suas personalidades individuais, mas também suas interações com a sociedade em que vivem. Por exemplo, alguns personagens podem seguir uma ordem comunitária, participando ativamente da vida coletiva e dos eventos narrativos, enquanto outros podem desafiar essa ordem, destacando-se como indivíduos únicos e muitas vezes excêntricos.

No entanto, Noa destaca que é na atribuição dos nomes que os personagens encontram sua identidade individual. Os nomes dos personagens não são apenas etiquetas, mas sim símbolos que carregam significados e contribuem para a caracterização e desenvolvimento dos personagens: “[...] são a expressão verbal da identidade específica de cada pessoa, individualmente” (Noa, 2006, p 106). Ao atribuir nomes específicos aos personagens, os autores da literatura moçambicana conferem a eles uma identidade distinta e os conectam às suas ações, motivações e circunstâncias. Assim, o nome de um personagem não é apenas uma palavra, mas sim uma ferramenta narrativa poderosa que ajuda o leitor a compreender melhor quem são esses personagens e como eles se encaixam na trama da história:

No que concerne a estes específicos universos de ficção, os nomes não identificam, mas criam extensos campos de significação. Portanto prefigurando uma enorme carga indicial, os nomes jogam um papel relevantes no entendimento dos percursos existenciais das personagens e, em última estanca, da própria história (Noa, 2006, p.274).

Vale ressaltar que essa é uma pequena amostra de como funciona as dinâmicas discursivas que ocorrem para os diferentes modos de criar mundos na ficção Moçambicana, e que está presente também na ficção Angolana, servindo como instrumento de recriação e investigação para mostrar as várias representações existente que compõe as características da escrita de um texto autêntico.

Para dar continuidade na discussão apresentada acima, iremos apresentar alguns aspectos presentes no ensaio “A narrativa em Angola: espaço invenção e esclarecimento”, de Rita Chaves (2009), que compõe uma das coletâneas do livro “África Brasil: caminhos da língua portuguesa”, visando ajudar na compreensão sobre o processo de amadurecimento da ficção Angolana até a contemporaneidade.

Segundo Chaves (2009), o conceito de escrita como forma de resistência tem tido grande relevância nos estudos literários, e em particular naqueles em que a literatura produzida ocorreu em contextos autoritários. Observamos que esse processo de amadurecimento da

literatura está diretamente associado à inserção da resistência, e nesse sentido, é Luandino Vieira quem vai causar a insubordinação da ordem da escrita imposta pelo colonialismo, uma vez que em suas obras ele vai expor não somente os conflitos causados pelo sistema opressor, mas também dá voz aos marginalizados e aos oprimidos, oferecendo um olhar íntimo para as vidas daqueles que muitas vezes são ignorados pelo sistema.

Segundo a autora, ao invés de focalizar nos setores privilegiados de Luanda, Luandino, em seus contos e romances, passa dar voz aos setores menos privilegiados, como musseques, onde os excluídos ganham vós e assumem o lugar no espaço no desejo de revelar um outro lado de Luanda, buscando, além disso, uma representatividade que ultrapassa o nativismo, em uma verdadeira relação entre terra e gente. Ao abordar esses lugares, pode-se conhecer as pessoas que ali habitam e que, conseqüentemente, serão protagonistas dessa transformação de sujeito-transformador. Como se observa abaixo:

Em consonância com seus personagens, os narradores de Luandino tomam de assalto a Luanda envolvida pelos musseques. Em lugar de Cidade Alta, sede dos poderes e dos setores privilegiados, nos seus contos e romances são as zonas periféricas da cidade que importa focalizar, com os excluídos assumindo o lugar de sujeitos de um conjunto de ações indicadoras da transformação que encontra abrigo no domínio da literatura (Chaves, 2009, p. 105).

A importância de Luanda como espaço de resistência se tornou patrimônio literário e ganhou visibilidade após a independência. Com as publicações de novos textos, alguns até publicados clandestinamente, reforçou-se a simbologia desse espaço consagrado no imaginário do povo angolano.

Segundo Chaves (2009), nessa fase uma nova era se inicia, com novos objetivos de romper com a imagem fixa do colonizador, baseando-se na hipótese de revolução popular, na qual era fundamental denunciar as mazelas do sistema opressor ao mesmo tempo em que se apontavam os sinais da desigualdade dominando, sobretudo, as áreas periféricas de Angola.

Nesse contexto, a autora identifica dois momentos notáveis no conjunto de prosa de ficção produzida, o primeiro relacionado à evolução da cidade de Luanda, seguindo a proposta de Luandino Vieira, o outro momento leva em consideração outras geografias, estabelecendo assim um novo compromisso com a história, seguindo a proposta de Rui Duarte de Carvalho.

Nesse primeiro momento, podemos destacar a revisitação do passado, alternado entre um período remoto e o presente, realizada para recuperar aquilo que teria sido perdido com as mudanças trazidas pela dominação. Nesse contexto, o romance histórico vai

desempenhar um papel fundamental, pois, refere-se as obras ficcionais que exploram eventos, personagens e cenários históricos significativos para Angola, esses romances geralmente misturam fatos históricos com elementos de ficção, recriando períodos passados e apresentando uma visão imagista da história do país. Eles frequentemente abordam temas como, colonização, resistência, independência e pós independência, proporcionando uma melhor compreensão do contexto histórico e social de Angola.

No segundo momento, Chaves (2009) destaca as transformações que ocorreram nos anos 90. A literatura angolana passou por um período de efervescência criativa e transformações significativas, as práticas neoliberais, bem como as palavras de ordem tiveram seu alcance limitado. A presença de conflitos armados, assim como as desigualdades sociais cada vez mais presentes na sociedade faziam com que o sonho de uma nação unificada fosse fragilizado.

A permanência de conflitos armados e a continuidade de diferenças que se hierarquizavam cada vez mais no cenário sociopolítico -econômico fragilizavam a imagem de” um só corpo, uma só nação, que os discursos políticos governamentais afirmavam, com fortes repercussão na mídia (Chaves, 2009 p.106).

Nos anos 90 houve uma expansão para a literatura angolana, marcado pela emergência de novas vozes, a exploração de temas contemporâneo e o reconhecimento crescente de cenário literário.

Nesse contexto, Chaves (2009) chama a atenção para o percurso do intelectual Ruy Duarte de Carvalho, que mesmo vivendo em Luanda a maior parte de seus dias, cria um outro posto de observação. Esse autor tem a viagem como base do conhecimento da realidade que se deseja vivenciar. Além disso, aborda em suas obras temas como a cultura, a política, a história e identidade não somente de Angola, mas também de outros países africanos. Em consoante a isso, pontua Chaves:

Nas suas narrativas que têm o deserto e seus arredores como lugar privilegiado, percebe-se, por exemplo, que a mobilidade, que constitui um dos vetores da maneira de estar no mundo dos pastores por ele estudados, é ponto central na estruturação da economia textual: Não nos surpreende, então, que a viagem seja um tema destacado (Chaves, 2009, p 109.).

Segundo a autora, o objetivo do autor é pensar na ideia do deslocamento como estratégia para um melhor ponto de observação no *espaço* e no *tempo*. É ter uma visão diferente do país, enxergando Angola não só para além de Luanda, mas também para além das fronteiras físicas que a história conturbada do continente demarcou.

Retomando o que foi discutido em Laura Padilha (2002), Francisco Noa (2006) e Rita Chaves (2009), fica claro que existem algumas características gerais que vão construindo essa literatura contemporânea. No texto de Padilha, observa-se que há formas diferentes de representar o espaço ou em Luanda ou Lunda. No texto de Francisco Noa (2006), mesmo falando de Moçambique, as narrativas vão apresentar características estéticas específicas nas várias representações dos seres e dos espaços. Esses aspectos são observados também em Rita Chave (2009), uma vez que há uma tentativa de recriar o espaço a partir de duas perspectivas, uma inaugurada por Luandino, que é a de mostrar os musseques, e outra em Ruy Duarte, que cria uma Angola multifacetada, tendo a ideia de um autor viajante que busca mostrar Luanda e Angola nas perspectivas da diversidade que é esse país.

Com esse estudo, observa-se uma literatura voltada para o anticolonialismo, na qual os temas africanos prevalecem, mas agora com reflexões voltadas para outro momento, pautado principalmente na distopia, em que o compromisso com a identidade nacional. As lutas continuam, embora haja críticas sendo feitas e direcionadas a diferentes aspectos, inclusive na autoavaliação.

Portanto, discutiremos mais a fundo esses prismas nas análises dos contos de João Melo, como a representação dos espaços abordados em Padilha (2002) e Noa (2006), na qual Luanda vai de encontro a Lunda, como é o caso do conto “O cortejo”, e da presença das várias linguagens, como a “Linguagem do corpo”, presente no conto “O elevador”. Além da distopia abordada por Chaves (2009), que está presente em todos os contos de João Melo.

2. CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE A NARRATIVA DE JOÃO MELO

Para ampliar a discussão sobre a obra de João Melo, foram selecionados para este segundo capítulo alguns trabalhos que apresentam diferentes abordagens sobre *Filhos da Pátria*, mas que convergem com as temáticas intrínsecas à obra, além de abordarem características que marcam a escrita do próprio escritor. Ao todo foram selecionados 4 trabalhos, dentre os quais estão artigos, teses e TCC's com discussões mais atuais sobre a obra em questão. Neste sentido, tem-se: “Ética e poética em João Melo”, escrito por Mário César Lugarinho (2023); “Contística pós-independência da dor e da violência: notas sobre Filhos da Pátria, de João Melo” de Ana Paula Texeira Porto (2014), “Voz e ironia na obra filhos da pátria, de João Melo”, de José Carlos Alves Silva (2023), “O espaço na obra de João Melo: desilusão, violência e resistência”, de Renata Cristine Gomes De Souza (2021).

Em seu texto Lugarinho examina a evolução da literatura angolana, especificamente na obra de João Melo, ao longo do século XX, destacando a transição entre dois vetores: o *nacionalismo* e *subjetividade africana*.

Segundo Lugarinho (2023), a obra de João Melo, iniciada em 1985, é importante por causa da mudança que ele traz na literatura. O escritor mistura história e literatura de uma maneira única, muitas vezes agindo como um contador de histórias e historiador ao mesmo tempo. Tal característica se assemelha ao que fazia Agostinho Neto, outra figura marcante dentro da literatura angolana, no entanto, nas obras de Melo se abordam questões de amor, o que torna seu trabalho difícil de ser resumido ou compreendido facilmente, desafiando ideias políticas e estéticas, como se observa a seguir:

A obra de João Melo, que começa a ser publicada em 1985, é certamente uma das mais representativas desse período de transição: compromete-se radicalmente, rasurando os limites entre a literatura e a história, por submissão ao vetor da nacionalidade e por tomar, muitas vezes, o lugar do cronista e do historiador, como ocorre na geração de Agostinho Neto. No entanto, é com a experiência de sua lírica amorosa e com a sua mais recente produção que lança questões que impedem uma fácil revisão de seu projeto estético e político (Lugarinho, 2023).

Segundo o autor, no contexto angolano, durante o período colonial, a falta de um discurso historiográfico oficial e representativo da memória nacional criou uma lacuna que

posteriormente foi preenchida por essa literatura. Enquanto no Ocidente é comum que historiadores sejam encarregados de investigar e interpretar o passado para entender o presente, em Angola, devido à ausência desse discurso histórico estabelecido, os escritores, especialmente os poetas, assumiram esse papel. Eles não apenas recontavam a história, mas também a reinterpretavam, adaptando-a para justificar o presente e planejar o futuro. Isso reflete uma função única da literatura angolana na qual os escritores desempenham um papel essencial na preservação da memória coletiva e na construção da identidade cultural do país.

Lugarinho ainda ressalta que se Melo não tivesse voltado à cena literária em 1999, com um novo livro, poderíamos considerar sua produção literária encerrada. Isso se deve ao fato de que a maior parte de sua poesia foi escrita entre 1989 e 1993 e não mostrou grandes mudanças em relação aos temas e abordagens iniciais. Por um lado, segundo o autor, a poesia de Melo focava em revisitar e reinterpretar o presente, muitas vezes com uma perspectiva utópica, ou seja, com um mundo idealizado.

Ainda de acordo com Lugarinho (2023), João Melo também explorava profundamente o tema do amor em seu discurso poético. Essa inserção do amor em suas obras o levou a se interessar pelo conto, no qual também pôde questionar e investigá-lo de forma mais ampla e detalhada. Portanto, o retorno de Melo à cena literária, em 1999, trouxe novas dimensões a sua obra, especialmente através do conto, expandindo suas reflexões sobre o *presente* e o *amor*.

O autor analisa que a publicação de contos como "Imitação de Sartre & Simone de Beauvoir", de Melo, representa um aprofundamento em sua obra, pois retoma e amplia os temas e ideias introduzidos em seu livro de poesia "Tanto amor", de 1989, que foi elogiado pela crítica como uma poesia original. Segundo Lugarinho (2023), nos contos de Melo, explora-se as tensões comuns da vida amorosa-cotidiana, apresentando um retrato mais maduro do amor. Antes, o amor era muitas vezes associado ao jogo da sedução, mas agora ele focaliza no cotidiano áspero das relações conjugais. O desencanto emerge como um tema central, fornecendo o solo para a narrativa, uma característica que também marca seu livro seguinte, "Filhos da Pátria" (2001).

O autor destaca também a interação entre as obras de João Melo e José Eduardo Agualusa, dois importantes escritores angolanos contemporâneos. Ele observa que no mesmo ano em que Melo publicou "Imitação de Sartre & Simone de Beauvoir", Agualusa publicou "Fronteiras Perdidas", que questiona o compromisso do cânone literário angolano com o Estado. Segundo Lugarinho, Agualusa sugere que a utopia, tema central na literatura das décadas de 1960 e 1970, não consegue mais fornecer significados para o presente histórico.

Ainda nessa discussão, Lugarinho (2023) compara essa reflexão de Agualusa com o trabalho de Melo em "Filhos da Pátria", no qual ele também reexamina a relação entre estado e nação. Melo, que antes celebrava a independência e o período de construção do estado e da nação, agora questiona parte de sua própria produção poética anterior:

De igual maneira, Melo, em seu *Filhos da pátria*, deixa de lado a coincidência entre Estado e nação e promove um redimensionamento dessa relação, retomando em outra direção o primeiro vetor de sua obra: o nacionalista. Vale assinalar que, tendo sido um dos jovens poetas que mais saudaram a independência e assinalaram o período de construção histórica do estado e da nação, Melo entra em um processo de autoavaliação, pondo em questão grande parte de sua produção poética anterior (Lugarinho, 2023).

Essa concepção, segundo o autor, não significa uma negação de sua identidade como poeta, mas sim uma mudança de perspectiva e uma autoavaliação crítica de seu próprio trabalho. O trecho encerra com a ideia de que o autor (Melo) que escreveu versos celebrando a cidade, não pode ser o mesmo que escreveu um conto como "Tio, mi dá só cem", indicando uma evolução ou mudança na visão e na abordagem do autor ao longo do tempo.

Lugarinho (2023) analisa várias obras de João Melo, destacando como o autor utiliza personagens, linguagens poéticas, simbolismo e metáfora para transmitir mensagens éticas profundas e provocativas. O autor cita personagens específicas das obras de Melo para ilustrar como o escritor aborda dilemas morais, conflitos éticos e questões de justiça em sua narrativa, dentre as quais está o conto "O elevador" – um dos objetos de análise do próximo capítulo.

Contudo, segundo Lugarinho (2023), Melo aprendeu que não adianta trocar a maneira de pensar de um caçador pela de um sedutor. A pergunta de Freud sobre o que as mulheres querem, continua sem resposta. Ao tentar agir como um guerrilheiro ou um soldado, ele não consegue lidar com as novas expectativas das mulheres porque elas não seguem mais apenas a tradição. Isso mostra uma crise profunda na forma como os homens se veem e são vistos na sociedade. Diante dessa dificuldade, Melo prefere concentrar seus esforços em resolver suas relações com o Estado, talvez porque isso pareça mais controlável do que lidar com as mudanças na relação entre homens e mulheres.

Adentrando a outros aspectos de *Filhos da Pátria*, tem-se agora a discussão no texto "Crítica de Pós-Independência da Dor e da Violência: Notas sobre Filhos da Pátria", escrito por Ana Paula Teixeira Porto, o qual destaca os principais elementos utilizados pelo autor João Melo para abordar a realidade angolana pós-independência. O texto de Porto (2014) apresenta uma análise crítica da literatura angolana desde suas raízes na tradição oral, até as obras mais contemporâneas. Destaca-se ainda a evolução da literatura angolana desde as primeiras obras coloniais, influenciadas pelo olhar eurocêntrico, destacando como a literatura colonial angolana inicial refletia predominantemente a perspectiva europeia sobre o país e sua população. Isso significava que os escritores portugueses que registravam suas impressões sobre Angola o faziam sob uma ótica eurocêntrica, na qual os africanos eram frequentemente retratados como inferiores aos colonizadores brancos europeus, como mostra a seguir:

A produção literária angolana registrada em textos escritos é iniciada com a literatura de viagens, feita por portugueses que, em crônicas, poesias e depoimentos, registraram suas impressões sobre a natureza exótica da África ao chegarem ao continente para colonização e expansão do território português. É nesse contexto uma literatura com olhar do europeu sobre o país, em que se observam pontos de vista eurocêntricos e o negro africano como sujeito inferior ao branco europeu (Porto, 2014, p. 1).

Essa visão eurocêntrica, segundo a autora, permeava não apenas as representações dos africanos, mas também a própria concepção de Literatura Angolana, que muitas vezes era definida e moldada pelos padrões estabelecidos pela literatura europeia, resultando, dessa forma, em uma subjugação das tradições literárias e culturais locais em favor das influências estrangeiras. Porto ainda enfatiza que ao longo do tempo a literatura angolana evoluiu para se distanciar desse eurocentrismo.

Ainda na concepção de Porto (2014), com esse distanciamento a literatura angolana passou a representar as lutas e sofrimentos do povo angolano, seja durante o período colonial, seja na busca pela independência. Autores como Castro Soromenho, José Luandino Vieira e João Melo são mencionados como exemplos desse engajamento literário em registrar a história e resistir às adversidades enfrentadas pelo povo angolano.

O texto de Porto aborda a representação da sociedade angolana pós-independência através da literatura, destacando como esta reflete os desafios sociais, culturais e econômicos enfrentados pelo país. A Literatura Angolana pós-75 é vista como um espaço de denúncia e afirmação da identidade nacional tanto nas obras produzidas antes, quanto depois da independência.

Esse contexto sócio-histórico é intensamente representado na literatura angolana pós-75, caracterizada “como o lugar de denúncia, de negação ao sistema colonial e, principalmente, como lugar sugestivo de afirmação de uma identidade nacional” (Diniz, 2012, p. 9 *apud* Porto, 2014, p. 3)

Nesse sentido, o trecho evidencia o papel vital da literatura na construção de uma consciência crítica e na promoção da identidade nacional em Angola, além de destacar como os escritores angolanos têm usado suas obras para confrontar e superar os desafios enfrentados pela sociedade pós-independência.

O estudo de Porto se concentra na obra de João Melo, especialmente na antologia de contos como "Filhos da Pátria", como “O feto”, “Tio mi dá só cem” e “Elevador”, para analisar como a violência e a dor são representadas na narrativa, utilizando, para isso, métodos da Literatura Comparada e da Sociologia da Literatura. Segundo a autora, a obra de Melo revela identidades ocultas e explora os destinos complexos dos habitantes de Angola após a independência e em um contexto de transição para o sistema capitalista.

Porto (2014) enfatiza ainda que a maioria dos personagens dos contos em questão enfrentam criminalidade, pobreza, corrupção, desigualdade, violência, aborto e humilhação, mesmo a pós-independência, como é possível perceber no personagem do conto “Tio, mi dá só cem”, que narra uma história de sofrimento e fome protagonizada por um adolescente em situação de rua, constantemente ignorado por quem passa. A obra “[...] prioriza as situações de opressão vivenciadas por certa parcela da população que se encontra à margem do progresso econômico-social proporcionado pelo capitalismo” (Diniz, 2012, p. 9 *apud* Porto, 2014, p. 5).

Ainda segundo a autora, o narrador do conto “O elevador” questiona até onde vai a capacidade de humilhação humana e adaptação, e ao fazer esse questionamento Porto provavelmente busca explorar até que ponto as pessoas são capazes de suportar situações degradantes e injustas, bem como entender como elas se adaptam a essas circunstâncias.

Sob essa perspectiva, Porto traz o conto “O feto” para que possamos refletir sobre a violência social imposta à mulher angolana, que acaba por colocar esta e até mesmo os filhos em condições de objeto e de mercadoria. O conto narra a história de uma mulher anônima que relata a violência e a marginalização que enfrentou como resultado do sistema opressor e violento. A personagem, que se prostitui desde os 13 anos por imposição da mãe para sobreviver, expressa o sofrimento e repúdio à vida indigna. Ela decide abortar para evitar que seu filho(a) para que ela não venha a ter uma vida de dificuldades e discriminação como a que ela tem. O conto destaca a dor e a luta por uma vida melhor em um contexto de exploração e falta de oportunidades, mesmo após a independência do país. Essa reflexão é importante para compreender as condições de vida e os desafios enfrentados pelo povo angolano após a independência do país. Neste sentido, para melhor entendimento Porto cita Swain:

A prostituição, ou seja, a venda de corpos, forçada ou não, é talvez a maior violência social cometida contra as mulheres. Esta violência é agudizada por sua total banalização; mais ainda, a profissionalização da prostituição, que acolhe adeptos mesmo entre as feministas, define a apropriação e a “mercantilização” total das mulheres como um trabalho, que seria tão estatutário e dignificante quanto qualquer outro. A simples classificação “trabalho” promove a compra de mulheres – momentânea ou permanente, como no caso das meninas raptadas, violentadas e prostituídas – a um nível de mercado, de justificação monetária, de inserção nos mecanismos de produção e reprodução do social (Swain, s.d, p. 24 *apud* Porto, 2014, p. 6).

Além disso, Porto (2014) argumenta que as narrativas de *Filhos da Pátria* refletem os efeitos do colonialismo e da opressão histórica na sociedade angolana pós-independência. Ela sugere que a dor e a violência retratadas nas histórias são sintomas do trauma causado pelo passado colonial, que ainda afeta a população mesmo após a independência política. Um dos pontos centrais da análise da autora é a investigação das personagens e narrativas presentes em *Filhos da Pátria*. Ela examina como João Melo utiliza uma variedade de vozes e perspectivas para explorar diferentes aspectos da vida angolana pós-independência.

Através das experiências individuais das personagens, o autor apresenta as complexidades e contradições da sociedade angolana, oferecendo uma visão multifacetada da realidade do país. A autora também aborda como João Melo escreve em *Filhos da Pátria* ao mencionar que o escritor usa palavras que são claras e que despertam emoções. Ela destaca ainda que Melo descreve o cotidiano de uma forma a qual as pessoas possam imaginar como são, fazendo com que elas se sintam parte da história e se envolvam com as personagens e acontecimentos do livro.

Ana Paula Teixeira Porto oferece, assim, uma análise crítica profunda e esclarecedora do livro de João Melo, ao contextualizar a obra dentro do cenário histórico e social de Angola pós-independência. Porto destaca como temas como dor, violência e corrupção são habilmente explorados pelo autor através de sua escrita envolvente e análise perspicaz das personagens e narrativas. Além de ressaltar a relevância do livro para compreender não apenas a realidade angolana, mas também os desafios enfrentados por sociedades pós-coloniais e pós-conflito em toda a África.

De igual modo, discute-se *Filhos da Pátria* abordando outros aspectos intrínsecos à obra, elementos esses que abordaremos no texto "Voz e Ironia na Obra *Filhos da Pátria*, de João Melo" de José Carlos Alves Silva.

Silva (2023) discute principalmente a utilização da voz narrativa e da ironia na obra. O pesquisador analisa como esses elementos são abordados pelo autor para criar uma crítica social ou política, explorando questões como identidade nacional, corrupção, desigualdade social, entre outros temas relevantes abordados na obra. Além disso, Silva descreve a estrutura narrativa da obra, na qual alguns contos são narrados em primeira pessoa e outros em terceira pessoa. Segundo o autor, dialoga com os leitores sobre temas importantes relacionados ao contexto angolano pós-independência, como colonialismo, desigualdade social, preconceito racial e as consequências da guerra civil.

Silva (2023) explora a obra de João Melo concentrando-se na discussão da identidade e dos hibridismos culturais em Angola. Ele destaca como João Melo aborda a complexa questão da identidade angolana após o período de colonização portuguesa e a conquista da independência do país. O autor observa que a influência dos colonizadores transformou profundamente a identidade e a cultura dos povos africanos, incluindo os habitantes de Angola. Nessa questão, menciona-se o que apresenta Stuart Hall em Silva (2023), pois, para ele: "À medida que as culturas nacionais são expostas a influências externas, é difícil manter suas identidades da infiltração cultural. (Hall, 1999, p. 74 apud Silva, 2023, p. 14)

O autor, com base nos estudos do pesquisador Francisco das Chagas Souza Costa, analisa o conto "O efeito estufa", como um exemplo representativo das obras de João Melo, no qual o protagonista, Charles Dupret, personifica as complexidades da identidade angolana pós-colonial. Dupret é retratado como alguém que procura defender a autenticidade angolana, mas suas ações contraditórias revelam uma profunda influência cultural do colonizador.

Silva (2023) observa que o narrador do conto expressa desaprovação em relação a Charles Dupret, evidenciando uma ligação entre o autor, João Melo, e a narrativa. Enquanto João Melo representa um ponto de vista mais equilibrado sobre os reflexos da colonização portuguesa em Angola. O protagonista se autoproclama como o único estilista preto do país, enfatizando uma visão radical sobre a identidade angolana.

O autor discute as contradições do personagem, como sendo sua defesa da autenticidade angolana enquanto reproduz práticas culturais influenciadas pelo colonizador. Ele destaca situações no conto que ilustram essas contradições, tais como a venda de roupas pretas para brancos ricos e a proibição da família de comer bacalhau, atribuindo sua origem ao colonialismo português, mesmo que na verdade seja de origem norueguesa. Ele enfatiza que o radicalismo de Charles Dupret foi prejudicial para sua família e para ele mesmo, e discute como o preconceito racial e a discriminação são abordados em outros contos de João Melo.

Silva (2023) apresenta as análises da pesquisadora Rosangela Manhas Mantolvani sobre a obra *Filhos da Pátria*, de João Melo. Mantolvani (2007) destaca que o livro aborda principalmente os destinos complexos dos habitantes de Angola após a independência, especialmente os moradores das periferias de Luanda, capital do país. Essas pessoas se deslocaram para a cidade devido aos conflitos no interior do país, que resultaram em violência, más condições de vida e desapropriação de suas casas, levando à formação de novos bairros chamados musseques.

Segundo o autor, Mantolvani (2007) aponta que João Melo retrata os musseques em seus contos para revelar a situação social dos angolanos, criticando os problemas sociais, políticos e econômicos do país independente. Ela destaca que alguns contos, como "O elevador" e "O cortejo", mostram a divisão social entre uma minoria abastada, que detém o controle político e econômico do país, e a maioria pobre da população:

Para Mantolvani (2007), o escritor João Melo recupera a representação dos espaços dos musseques em alguns dos seus contos do livro *Filhos*

da Pátria (2001) para revelar a situação social vivida por muitos angolanos, ou seja, a representação da periferia de Luanda surge como uma crítica aos problemas sociais, políticos e econômicos do país independente. Segundo a autora, contos como *O elevador* e *O cortejo* também apresentam imagens de uma divisão social e revelam os espaços de uma minoria abastada, oportunista, que detém o controle político e econômico do país e desfruta do luxo em detrimento da pobreza de grande parte da população (Silva, 2023 p. 17).

Quanto à identidade nacional angolana, é abordado a *ironia* presente na escrita de João Melo, segundo Silva (2023), o escritor utiliza a ironia para desconstruir o estereótipo sobre a identidade nacional angolana. Em contos como "O efeito estufa", o narrador utiliza a ironia para criticar aqueles que propagam uma visão limitada de angolanidade, destacando a necessidade de compreender a diversidade étnica e cultural do país. João Melo, ele enfoca os musseques para mostrar a presença dos diferentes grupos étnicos na cidade, desmistificando os inimigos do pluralismo cultural.

Nesse sentido, Silva (2023) destaca que, ao descrever o estilista Charles Dupret e suas atitudes no conto, João Melo expõe as contradições e os perigos de uma mentalidade que busca impor uma única perspectiva cultural, ignorando a riqueza e a complexidade das diferentes identidades étnicas que compõem a sociedade angolana. Silva utiliza sua escrita para desafiar e questionar essa postura, contribuindo para promover a aceitação e o respeito pela diversidade cultural.

No que diz respeito às *representações da infância* em *Filhos da Pátria*, Silva (2023) enfatiza como João Melo aborda os problemas sociais enfrentados por crianças e adolescentes angolanos na realidade por meio de personagens infantis ou juvenis em seus contos. De acordo com Silva, Melo revela a difícil realidade enfrentada por essas crianças no período pós-independência de Angola, onde os novos governantes abandonaram os ideais almejados durante as lutas pela libertação, tratando os filhos do país com práticas semelhantes às dos colonizadores.

O autor retrata diversas situações de pobreza e adversidades vividas por crianças angolanas, como o protagonista jovem deslocado para Luanda, que passa a cometer roubos e pedir esmolas no conto "Tio, mi dá só cem", e a adolescente que se prostitui para sustentar sua família no conto "O Feto". Além disso, os filhos da personagem Natasha, no conto homônimo, simbolizam a extrema pobreza enfrentada por muitas crianças em Angola.

Ainda na concepção de Silva no conto "O cortejo" se retrata a comovente situação das crianças sujas, rotas e descalças, que representam o futuro de Angola caso não sejam ajudadas. Essas crianças, que tentam vender diversos itens ou simplesmente vagam pelas ruas sem nada, são uma imagem clara da pobreza e da desesperança que assolam o país. ele aponta para a responsabilidade da sociedade em dar suporte a essas crianças para evitar um futuro desolador para Angola. O autor revela a difícil realidade enfrentada por essas crianças no período pós-independência de Angola, onde os novos governantes abandonaram os ideais almejados durante as lutas pela libertação, tratando os filhos do país com práticas semelhantes às dos colonizadores.

De acordo com Silva (2023), João Melo descreve a situação de pobreza e desamparo enfrentada por crianças angolanas no conto "O cortejo". O narrador relata que, durante um evento festivo, as crianças são aquelas que mais sensibilizam os cavalos que puxam a carruagem dos noivos. As crianças, sujas, rotas e descalças, são descritas como especiais, pois representam o futuro de Angola, evidenciando a negligência e o abandono dessas crianças pela sociedade.

Segundo Silva (2023), o narrador revela que os cavalos, ao verem a condição das crianças, revoltam-se e decidem conduzir os noivos pelos bairros mais pobres da cidade em vez dos bairros luxuosos inicialmente planejados. Isso indica uma crítica à desigualdade social e à falta de assistência às crianças mais necessitadas por parte das autoridades e dos mais abastados.

Nesse sentido, o autor destaca que o contraste entre a visão dos cavalos, que reconhecem a especialidade das crianças, e a indiferença do governo e dos ricos em relação a elas, ressalta a falta de empatia e o descaso com as crianças que moram na periferia e que vive em situação de vulnerabilidade. A cena revela a importância de se estender a mão e oferecer suporte a essas crianças para garantir um futuro melhor para Angola.

Silva (2023) aborda a *representação do poder e da corrupção* na obra de João Melo. Ele destaca que, mesmo após a descolonização, Angola enfrenta problemas sociais decorrentes da busca pelo poder e da corrupção, que resultaram em uma elite privilegiada em detrimento da maioria da população. Em vários contos dessa obra, como "O elevador", "O efeito estufa" e "O cortejo", João Melo retrata a disparidade social entre os espaços frequentados pela elite política e econômica e os destinados aos mais pobres.

[...] A corrupção está espalhada e entranhada hoje no corpo maltratado de Angola, nas suas veias, nos seus músculos, nos seus ossos, em todos os seus órgãos vitais [...] seja como for, ninguém questiona essa verdade insondável: a corrupção em Angola, mais do que um facto, é um ato natural, como respirar. O governo reconhece

que há corrupção. A oposição grita contra ela. A imprensa denuncia a e, quando não tem factos, inventa-os. Os cidadãos lamentam-se e contam histórias extraordinárias de corrupção, nas conversas em família, nas discussões entre amigos, nos bares, nas farras, nos óbitos. Entretanto, e demonstrando – como se isso ainda fosse necessário – que a realidade, além de contraditória, é polissémica, o governo evita cuidadosamente tomar medidas efectivas contra a corrupção [...] (Melo, 2009, p. 135-136 *apud* Silva, 2024, p. 25).

Silva (2023) traz em seu texto uma análise do conto "O Elevador", de João Melo, feita por Souza (2021) para discutir a relação entre espaço e personagens, elementos que desempenham um papel fundamental na construção da narrativa e na reflexão sobre temas sociais e políticos em Angola pós-independência. A análise do artigo de Renata Cristine Gomes de Souza oferece percepções valiosas sobre como a descrição do espaço e sua interação com os personagens contribuem para uma compreensão mais profunda da obra.

Silva ressalta a importância do conto, que é estruturado em nove partes. A narrativa acompanha os oito andares percorridos pelo elevador e o terraço do prédio onde está localizada a empresa de Soares Manuel João. Cada parte do conto representa uma etapa na jornada do protagonista, Pedro Sanga, e revela aspectos importantes sobre sua evolução e pensamentos em concordância com as observações de Souza. Os espaços descritos, como o elevador e o terraço, não apenas servem como cenários físicos, mas também funcionam como símbolos das transformações na vida do protagonista e na sociedade angolana como um todo. Além disso, o espaço do prédio e os diálogos dentro do elevador revelam as complexidades das relações entre os personagens e suas posições sociais.

Desse modo, nas obras de João Melo, o espaço é frequentemente caracterizado de maneira vívida e multifacetada, servindo como um elemento central para o desenvolvimento da narrativa e dos personagens. Para melhor caracterização desse espaço iremos utilizar também o estudo de Renata Cristine de Souza, com sua tese "O espaço na obra de João Melo: desilusão, violência e resistência (2021), focando na representação do espaço e da cidade, especialmente Luanda, para que possamos entender como essas representações refletem processos de desilusão, violência e resistência. A autora também investiga o projeto literário do autor João Melo, relacionando-o a conceitos como *ideologia* e *utopia*. Ao abordar a construção do espaço urbano e as tensões sociais presentes nas obras de Melo, Souza esclarecedora sobre a construção do autor para a literatura angolana contemporânea.

Souza (2021) aborda a importância da força de impacto no conto, enfatizando a necessidade de uma ação forte e envolvente para manter o interesse do leitor. Ela ressalta que os temas abordados por João Melo em suas obras garantem esse efeito, especialmente ao trabalhar com questões brutais que causam impacto e desconforto no leitor. A autora argumenta que a construção do conto deve ser realizada com racionalidade, visando alcançar o efeito desejado de força e impacto.

Nos contos de Melo, de acordo com Souza (2021), essa inteligência matemática é evidente, resultando em narrativas coesas e impactantes que reconstroem ficcionalmente Angola e Luanda, mantendo uma coerência interna e externa entre os contos. Ela destaca ainda que as obras do autor refletem diferentes perspectivas da sociedade angolana urbana, apresentando uma face brutal da realidade que leva o leitor ao choque e à reflexão sobre a violência e desilusão presentes na sociedade pós-independência. No entanto, mesmo diante do horror, Souza (2021) ressalta que os contos de João Melo também evidenciam a resistência e a esperança do povo, agregando uma positividade e uma possibilidade de mudança às narrativas.

Nesse sentido, a autora aborda as transformações do espaço urbano ao longo do tempo nas obras de Melo, desde o fim da guerra civil, até décadas após a independência. Apesar desse intervalo de tempo, as mudanças não foram significativas. Souza (2021) cita a tese de doutorado de Marcelo Brandão de Mattos, “A Geração da Distopia: Representações da angolanidade na ficção contemporânea” (2013), na qual a literatura angolana reflete uma mudança de ideais após a independência, passando de uma *utopia* para uma *distopia*, em que a desilusão e incerteza são palpáveis. As obras de João Melo também mostram como a violência é um componente estrutural na sociedade angolana, gerando exclusões e abusos. Nesse sentido, o “adeus às ilusões” mencionado por Mattos (2013), segundo a autora, reflete uma mudança na maneira como os angolanos se veem e veem sua sociedade. Essa mudança na percepção se torna evidente não apenas nas soluções apresentadas nas obras literárias contemporâneas, mas também na própria forma de escrita, que se torna mais crítica, refletindo o novo cenário de incerteza e caos. Os personagens e narradores dessas obras são influenciados pelo ambiente tumultuado em que vivem, refletindo isso em suas próprias características e comportamentos. Eles testemunham uma mudança na forma como se expressam e pensam: a coerência e união nos discursos dão lugar à fragmentação e desordem. Aquilo que antes os impulsionavam é agora substituída pela angústia, enquanto a expectativa de um futuro certo dá lugar à incerteza, deixando-os inseguros sobre o que está por vir.

De acordo com Souza (2021), a análise do espaço nas obras literárias revela sua importância na compreensão da narrativa. O espaço não é apenas o cenário onde a ação acontece, mas também influencia os personagens, modificando seus comportamentos, emoções e pensamentos. O espaço pode ser caracterizado de várias maneiras, segundo o que diz Oziris Borges Filho estudioso citado por Souza em sua análise. Para Borges, o texto diferencia o espaço em três categorias: realista, imaginativo e fantasista. Souza foca no espaço realista, pois reflete o cotidiano e a vida real, apresentando lugares existentes e suas particularidades. Por outro lado, o espaço imaginativo e fantasista está relacionado a lugares idealizados ou presentes nas projeções e desejos dos personagens.

Souza (2021) analisa como os contos que tem Luanda como cenário retratam diferentes aspectos da sociedade angolana. Ela destaca que esses contos mostram uma diversidade de espaços e personagens, evidenciando a grandeza e pluralidade da cidade. Cada conto apresenta uma esfera diferente da sociedade ou uma abordagem distinta da mesma classe social, mas juntos eles formam uma imagem coerente de uma sociedade desigual.

Souza (2021) também menciona o teórico Paul Ricoeur, para explicar que a narrativa é uma forma fundamental de compreender o mundo, pois carrega elementos como intriga, ficção e história, refletindo o conhecimento humano. Os contos segundo a autora exploram criticamente o cenário político angolano, mostrando uma severa crítica às instituições e aos políticos, bem como as consequências para a população. Renata também faz referência a Joseph Ki-Zerbo, historiador e ativista político, que destaca a falta de compromisso das elites políticas africanas com o bem comum.

Além disso, Souza comenta que os textos de João Melo refletem personagens ligados à política e como eles exemplificam essa irresponsabilidade mencionada por Ki-Zerbo. Ainda segundo a autora, há o capitalismo nos contos, mostrando como ele impacta a vida das pessoas, especialmente na desvalorização de valores em favor do lucro e nas consequências sociais que isso acarreta.

Souza (2021) ressalta ainda, que as narrativas abordam diferentes aspectos da sociedade, mostrando tanto a honestidade e a utopia quanto a corrupção e a desilusão. Ela destaca que, para a burguesia, políticos e poderosos, o capital sempre parece ser mais importante do que o aspecto humano. Na Angola, durante o período de luta pela independência, a utopia tinha um viés político, buscando transformar o país e a sociedade em algo mais justo, no qual não haveria mais opressão e desigualdade, a independência não era apenas vista como uma liberação do

domínio colonial, mas também como uma oportunidade de construir uma nação onde todos os cidadãos teriam igualdade de direitos e oportunidades.

Portanto, na concepção da autora a estrutura narrativa e o uso do espaço em obras literárias podem servir como uma poderosa ferramenta para explorar e comentar sobre questões sociais complexas, como a desigualdade econômica e a segregação urbana. Os personagens dos contos nos mostram como o espaço é dividido, especialmente entre a cidade dos ricos e a cidade dos pobres.

Neste capítulo foram abordados temas como “Ética e poética em João Melo” com base nos estudos de Lugarinho (2023), que analisa como a poesia do autor angolano não é apenas uma forma de arte, mas um meio de expressar ideias éticas e políticas, de uma maneira muito pessoal e significativa; “Contística pós-independência da dor e da violência” de Porto (2014), que discute como a literatura de João Melo reflete as experiências de Angola após a independência, abordando temas como dor e violência - aspectos significativos na história recente do país -; “Voz e ironia na obra Filhos da Pátria” de Silva (2023), oferece uma análise detalhada de como a ironia e a voz são empregadas na obra do escritor angolano para criar um diálogo crítico sobre a identidade nacional e as experiências pós-independência, e, por fim, “Espaço na obra de João Melo: desilusão, violência e resistência”, de Souza (2021), que analisa como João Melo usa o cenário, principalmente a cidade de Luanda, para mostrar a realidade de Angola após a independência, como os lugares descritos nas histórias refletem sentimentos de desilusão, a presença da violência e a luta das pessoas para resistir e superar esses desafios.

3. ANÁLISE DOS CONTOS DE *FILHOS DA PÁTRIA*

Filhos da Pátria (2001) é uma coleção de contos que João Melo teceu com as linhas da história e da identidade de Angola. O colonialismo e do desafio de criar uma identidade nacional em um país tão diversificado.

João Melo aborda a realidade social e econômica de Angola após a independência, um estilo de escrita que foi influenciado pelo espírito crítico de Luandino Vieira, que utiliza uma abordagem direta às questões sociais e políticas, e hesita em expor as contradições e injustiças. É influenciado também pelo humor inteligente de Pepetela, conhecido por sua habilidade em usar a sátira e a ironia para fazer suas críticas à sociedade. João Melo segue essa tradição, para mostrar a prepotência da classe média em ignorar os problemas enfrentados pelas camadas mais marginalizadas da sociedade angolana contemporânea. A sinergia entre o humor e a crítica social confere a *Filhos da Pátria* um caráter envolvente e reflexivo.

O livro é composto por dez contos, retratando personagens em situações de marginalidade, o que leva à reflexão sobre como Angola chegou a essa condição. Cada conto explora diferentes aspectos da periferia angolana, mostrando como os personagens lidam com situações difíceis em busca de sobrevivência nessas estruturas sociais e econômicas do país. Nesses contos encontramos personagens que lutam para se adaptar a uma sociedade que ainda está se encontrando após a independência, e enfrentam também os legados do passado e as incertezas do presente. Sobre seu livro, Melo discorre o seguinte:

Eu tinha de escrever este livro. Até por toda a minha trajetória, toda a minha vivência, pela maneira como tento posicionar-me na vida como cidadão, como escritor. Eu tinha de escrever aquele livro. Eu acho que, se aquele livro não saísse, eu qualquer dia, digamos assim, explodiria. O livro no fundo é uma grande reflexão sobre quem somos nós, angolanos, sobre a forma como nos relacionamos uns com os outros e sobre a forma como nós queremos levar o nosso país. No fundo, é uma grande reflexão sobre isso. [...] Mais do que um desabafo, é a defesa de uma tese (Melo, 2019, s/p Apud Souza, 2021 p.196).

Para compreendermos melhor o contexto social pós-independência descrito por Melo, neste capítulo serão analisados os contos “O cortejo” e “O elevador”, em uma breve jornada através das várias camadas da sociedade angolana, desde os esquecidos até os que estão no poder na nova Angola pós-colonial, revelando, dessa forma, a complexidade da identidade angolana que enfrenta diariamente os desafios de uma nação em transformação.

3.1 Luxo, pobreza e protesto em “O cortejo”

O conto “O cortejo” narra a história do casamento de Rui Carlos Caposso e Leonilde Ferreira da Silva, que pertencem a elite angolana, “[...], porém, seja como for, e como certamente os leitores já desconfiam, este não é apenas mais um casamento” (Melo, 2001, p. 134). Melo introduz na narrativa um elemento extraordinário e pouco comum na cena da cidade moderna: uma carruagem. Esse veículo serve como um símbolo de distinção de classe, sendo um dos indicadores de riqueza dos noivos:

A carruagem que estava parada à porta da igreja da Sagrada Família, em Luanda [...], causou, mal chegou ao local, por dois belos cavalos orientados a chicote por um condutor de casacas e calças pretas, chapéu alto também preto e luvas brancas, um natural admiração que se tornou impossível conter [...] (Melo, 2001, p.127).

Os bens materiais, seu uso e a capacidade de adotar um estilo de vida mais extravagantes são marcadores sociais de classe promovidos pelo capitalismo. A presença desse meio de transporte causa agitação no ambiente, destacando-se ainda pelo contraste com o cenário ao seu redor:

Rapidamente, os transeuntes começaram a afrouxar o passo e aproximar-se lentamente, movidos por uma insuportável curiosidade, daquele inesperado veículo, até que uma imensa mole humana se formou à volta do mesmo (Melo, 2001, p.127).

Em Angola, assim como em muitos países africanos, há disparidades significativas de riqueza e acesso aos recursos. A presença da carruagem, um símbolo de luxo e status, em contraste com a maioria da população que não tem acesso a esse tipo de transporte, pode apontar para essas desigualdades. Além disso, o desejo dos pais dos noivos de que o cortejo seja registrado na história da cidade é um indicador da importância do prestígio e da ostentação em certos círculos sociais, mesmo em meio aos desafios econômicos e sociais enfrentados pela maioria da população. Segundo Bordini (2007)

O feliz possuidor do automóvel com câmbio automático, ar-condicionado e freio ABS não se importa com a situação do pedinte da sinaleira, destituído de teto, emprego e saúde. Essas situações de profunda desigualdade, que não são privilégio de países atrasados, se não alimentam o crime e a violência, pelo menos atordoam possibilidades de resistência, mantendo um status quo injusto e crescentemente imutável. (Bordini, 2007, p 53 *apud* Souza, p. 71)

O narrador faz uma reflexão sobre a realidade automobilística em Angola, especialmente em relação à presença de carros na cidade. Ele menciona que, estatisticamente, Luanda é uma das cidades do mundo com maior número de carros em relação à sua população. No entanto, ele observa que essa abundância de veículos não reflete necessariamente uma melhoria na qualidade de vida da população:

É verdade que a nossa cidade, de acordo com outras estatísticas, que não aquelas a que se referi anteriormente, é das cidades do mundo que, relativamente (em função de totalidade de população existente, importa mais carro durante o ano de todas as marcas, modelos, cores e estados de conservação coexistindo nessa matéria (como em outras) um luxo quase asiático, mas provinciano, e é mais deprimente da degradação. No entanto, nem os novos ricos locais, nem os esforçados cidadãos obrigados a calcorrear a cidade a butes, por falta de transportes públicos, importam massivamente carruagens, talvez por que esse tipo de veículo não tem vidros fumados [...] (Melo, 2001, p.129)

A menção aos vidros fumados das carruagens também é uma crítica à corrupção e à impunidade, insinuando que esses veículos não podem ser utilizados segundo o narrador para “transportar passageiros ou passageiras, digamos assim, ilícitos ou ilícitas. Nem podem ser transformados em meio de transporte informal” (Melo, 2001 p. 129).

A ironia do narrador continua quando menciona a falta de conexão dos noivos com a aristocracia tradicional angolana ou com a nobreza ocidental, “Afim de contas, Angola é um país orgulhosamente republicano, e quanto ao reino tradicional, estão felizes ou infelizmente mortos e mal enterrados” (Melo, 2021 p. 130). No entanto, os noivos são magnificamente transportados em veículos considerados aristocráticos, o que contribui para a peculiaridade do evento. Além disso, o narrador afirma ainda que outros acontecimentos dramáticos e surpreendentes, os quais descreve como “delirantes”, ocorrerão durante a cerimônia, contribuindo para torná-la ainda mais memorável e insólita:

Acrescenta-se apenas, por enquanto, que uma vez ocorrido como está previsto este acontecimento, os pais de Rui Carlos Caposso e Leonice Figueireda Silva, irão arrepender-se até a morte por terem tido soberanamente, esse desejo, o qual na verdade, se tornou um terrível pesadelo (Melo, 2001 p. 130).

O narrador critica essa busca por reconhecimento e validação social por meio de eventos extravagantes, além de destacar as consequências potencialmente negativas dessa busca por ostentação.

A reação dos transeuntes, que param observar e se aproximar da carruagem, caracteriza um fascínio e uma curiosidade diante da exibição de opulência. Essa cena representa

a aspiração dessas pessoas por uma vida mais próspera e o desejo de participar, mesmo que apenas como espectadores, de eventos que simbolizam sucesso e prestígio. Em contraste com os adultos, as crianças, mesmo em sua posição subalternizada, também dirigiam sua atenção aos cavalos. Os olhares inocentes das crianças permaneciam vigilantes ao que acontecia ao seu redor, revelando maior interesse nos dois animais do que no veículo em questão (Melo, 2001, p. 132). De acordo com Souza (2021 p.71) “A necessidade de uma demarcação de classe e a invisibilidade do outro são uma marca do tempo representado”, no qual o elemento central “a carruagem” carrega os símbolos da riqueza e do desdém. Esse desdém é evidente no evento principal do enredo, onde os cavalos, responsáveis por puxar a carruagem e servir o casal, abandonam uma postura de mera obediência:

[...] enquanto, no interior da igreja da Sagrada Família, a cerimônia de casamento decorria, como se costuma dizer, as mil maravilhas, tal como os pais dos noivos tinham sonhado e planeado, é fora, um facto extraordinário estava a passar-se: os dois belos cavalos elegantemente atrelados à carruagem dos noivos começaram a falar entre si e a maquinar um plano diabólico. É claro que o numeroso grupo de curiosos que rodeava a carruagem, admirando-a de todos os ângulos e em todos os detalhes, estava demasiado entretido para prestar atenção ao diálogo dos animais [...] (Melo, 2001, p. 131).

As personificações dos cavalos demonstram indignação, especialmente quando veem crianças sujas e descalças ao seu redor. Essa raiva é exacerbada pelo fato de que eles são forçados a conduzir uma carruagem luxuosa por diferentes locais na capital angolana. O autor, por meio do olhar atento do narrador, revela uma verdade surpreendente: os cavalos, criaturas aparentemente distantes da esfera humana, possuem mais consciência que os seres humanos, pois simbolizam a força e liberdade, são retratados como seres autênticos e desprovidos de artifícios. Enquanto os que pertencem a elite, se envolvem em intrigas, corrupção e falsidades, os cavalos permanecem fiéis à sua natureza.

Ainda sobre essa questão, eles não usam máscaras sociais, não dissimulam suas intenções e não se deixam corromper pelas complexidades humanas. O narrador destaca que as crianças também compartilham dessa conexão com os cavalos. Seus olhares inocentes, livres de preconceitos e cinismos, permanecem atentos ao que acontece ao seu redor. Enquanto os adultos se preocupam com questões mundanas, as crianças se encantam com os animais, observando-os com curiosidade e empatia. Elas veem nos cavalos algo que transcende a mera existência física: uma humanidade genuína:

As crianças eram aquelas que mais fazia os dois animais sentirem um dolorido aperto no coração. Isso nada teria de extraordinário, pois a gente sabe da cumplicidade existente entre criança e bichos de todas as qualidades, não fora o facto de serem aquelas crianças especiais: sujas, rotas e descalças, umas com suas caixas de graxas às costas ou mil e um artigos nas mãos que tentavam a todo custo vender a quem passava, outras simplesmente de mãos vazias, eram vamos dizê-lo, a imagem nítida do futuro de Angola, caso os homens não se decidam dá-lhes a mão. (Melo, 2021 p. 132)

Além disso, João Melo faz uma crítica contundente à alienação presente na elite angolana, além de destacar como os cavalos, mesmo sendo animais, percebem a desigualdade e a injustiça por trás de tanta ostentação:

De facto, a família Caposso e a família Ferreira da Silva eram apenas dois exemplos de uma casta (palavra que eu sei, tem ressonâncias altamente desagradáveis, mas que os dois animais são forçados a usar, para descrever correctamente o fenómeno) que começo a formar em Angola a partir de meados dos anos 80, primeiro discretamente, mas logo às escâncaras de indivíduos que, misteriosamente, ostentavam um nível de vida que contrastava, de modo flagrante, com o da esmagadora maioria da população (Melo, 2008, p. 141).

O que era para ser um passeio tranquilo pelos principais pontos turísticos de Luanda “[...] para que tirassem fotos e registrassem para a posteridade esse momento de felicidade, como se o espaço que percorressem refletisse suas vidas prósperas” (Souza, 2021 p. 71), se transforma em uma aventura inesperada. Os cavalos, como forma de protesto, traçam uma rota oposta a planejada pelos pais dos noivos, começam a correr desenfreadamente em direção ao musseque Catambor, uma área pobre da cidade de Luanda. Em meio aos becos estreitos e à agitação das ruas, o conto revela uma dualidade marcante. Durante todo o percurso, o casal e seus convidados que os seguem observam as diversas contradições sociais e urbanas presentes em uma metrópole como Luanda: “O casal adentra outros lugares da cidade, não aquela que lhes é cotidiana, um espaço de desigualdade “onde há pobreza, sujidade e miséria”. O que é invisível para o casal privilegiado, agora lhes é apresentado” (Souza, 2021, p. 74-61).

Mal o cortejo se pôs em andamento, os dois animais, após uma maliciosa e mútua piscadela de olhos, embicaram a toda velocidade para o muceque Catambor, para desesperado espanto do condutor de casaca, chapéu e calças pretas, sem esquecer as luvas brancas, e por leve (por enquanto) sobressalto dos noivos. Depois, cada vez mais indomáveis e indiferentes às chicotadas que recebiam do condutor, inflectiram para o Prenda, subiram em direção ao aeroporto e foram para a esquerda, com destino ao Cassequel do Buraco. Entraram no Bairro popular e apanharam a Rua dos Congolezes, embrenharam-se pelo interior do Rangel e foram desembocar na Precol [...] (Melo, 2008, p. 143-144).

O intuito dos cavalos era chamar a atenção para esse lado mais negligenciado de Luanda, para que dessa forma, os noivos pudessem tomar um choque de realidade e entender que a riqueza e o conforto, a qual tanto fazem questão de ostentarem, é fruto da exploração e marginalização das pessoas que vivem nesses musseques:

Durante o fantástico percurso que a descontrolada carruagem estava a fazer, conduzida pelos dois cavalos indignados e furiosos, cruzaram com as piores imagens de degradação e miséria que é possível conceber, às quais os homens e mulheres só se adaptam devido á incrível capacidade de sofrimento e aviltamento do ser humano (Melo, 2008, p. 145).

Nas áreas onde a população pobre vive encontramos os resíduos da cidade. São os restos que já não servem à parte privilegiada da população. Joseph Ki-Zerbo (2006) afirma que “[...] a miséria é a anulação da escolha. E hoje, na África, as pessoas têm cada vez menos escolha” (Ki-Zerbo, 2006, p. 30 *apud* Souza, 2021, p. 75), E esse lado que é ignorado pelo governo é assim descrito no conto:

Moradias a cair aos pedaços, águas podres alagando as ruas esburacadas, autênticas montanhas de lixo espalhadas por todos os lugares, restos de tudo o que antes fora algum equipamento eventualmente prestável, carros velhos, ferragens, contentores abandonados, chapas de zinco, madeira ou pneus, alimentos apodrecidos, dejetos orgânicos de todo o tipo, asquerosos animais, como ratos, cães esqueléticos e galinhas infelizes – toda essa triste realidade lhes entrava pelos poros da pele e pelo cada vez mais temeroso coração como um autêntico pesadelo (Melo, 2001, p.138).

Observamos que a população é privada de ter o básico para que se possa viver com dignidade. Não possuem infraestruturas, pois as moradias são construídas de forma desordenadas; não possuem saneamento básico, pois os esgotos são a céu aberto; não possuem uma coleta de lixo adequada, uma vez que os resíduos domésticos são descartados em qualquer lugar. A grande maioria da população que vive nessa condição subalterna, não tem o poder de escolha, porque a mal distribuição de verbas por parte dos políticos fazem com que eles não tenham recursos para melhorar de vida, sendo obrigados a se “adaptarem” a essas condições. O narrador finaliza o conto com os cavalos entregando os noivos para o curandeiro que é conhecido por tratar questões de alienação para que os noivos possam ser tratados:

[...] a carruagem chegou ao Palanca, estranhamente, foi recebida com vivas e aplausos. Um aglomerado de gente cada vez maior foi-se formando à volta do veículo, mas deixando espontaneamente um corredor aberto, para não lhe interromper o caminho. [...] De acordo com a decisão tomada algumas horas antes pelos dois cavalos em questão, Rui Carlos Caposso e Leonilde Ferreira da Silva seriam entregues

à guarda do PapáXitoko, para serem devidamente tratados, conforme os usos e costumes da terra [...] (Melo, 2008, p. 146).

O conto usa o acontecimento do casamento como uma metáfora para denunciar as desigualdades da sociedade angolana. O casamento em questão ocorre como um espetáculo de ostentação, onde famílias ricas exibem sua prosperidade. Enquanto isso, os menos afortunados enfrentam dificuldades financeiras e lutam para acompanhar as expectativas sociais. Os personagens são posicionados em uma hierarquia social, e o casamento destaca essas discrepâncias.

No conto “O cortejo” encontramos duas realidades contrastantes. Dentro da igreja ocorre um casamento que representa o início de ciclo tranquilo e próspero. Por outro lado, fora da igreja, crianças trabalham e lutam para sobreviver. Essa segunda realidade, vivida pela maioria do país, é marcada pela falta de acesso a direitos básicos. A separação entre os que estão dentro e fora da igreja simboliza a proteção limitada oferecida apenas a uma parte da população, enquanto os invisíveis enfrentam desafios e privações. Essa reflexão sobre desigualdade e privilégio permeia o conto, destacando as disparidades sociais e a necessidade de buscar justiça e igualdade para todos.

3.2 Ascensão, contradição e corrupção em “Elevador”

“Elevador” assim como “O cortejo” faz parte da coleção de contos que compõe o livro “Filhos da Pátria, de João Melo e é estruturado em nove divisões, representando os andares pelos quais o elevador passa até o terraço onde Pedro Sanga se encontra com seu amigo de longa data. Cada divisão representa um novo aspecto da história e da percepção do protagonista, culminando no "terraço", onde se realiza o desfecho. Essa estrutura reflete não apenas a progressão física do personagem, mas também seu desenvolvimento emocional e psicológico ao longo da narrativa.

O conto “Elevador” narra a história de Pedro Sanga e Soares Manuel João, dois ex-combatentes da guerrilha de libertação nacional em Angola que tentam se adaptar aos novos tempos pós-independência. No passado, ambos sonhavam com uma Angola socialista, mas acabam seguindo caminhos diferentes. Soares Manuel João, apelidado de “Camarada Excelência”, ascende na hierarquia política do país, enquanto Pedro Sanga, fiel aos princípios socialistas, recusa-se a se envolver em transações comerciais capitalistas. É conto que possui muitas reviravoltas. A metáfora do elevador simboliza a ascensão social e econômico

proporcionada por um país que saiu da guerra, porém entregue ao descontrolo político e ético.

No início do conto o narrador tece narrar e que de certa forma, já adianta o desfecho do conto. Ele faz os seguintes questionamentos:

“Até onde é capaz de ir à capacidade de humilhação do ser humano? É tão grande como a sua capacidade de adaptação? E, adaptação – o que é exactamente? Sim, o que é ser ou estar adaptado?” (Melo, 2001, p. 13).

O narrador reflete sobre a natureza da adaptação e como ela está associada a conceitos como “acomodação” e “ajustamento”. Ele sugere que, nos tempos atuais, a adaptação muitas vezes significa aceitar passivamente o status quo, mesmo que seja injusto ou opressivo e questiona se essa adaptação é realmente uma aceitação dócil ou uma forma de domesticidade, comparando-a ao comportamento de um cão domesticado. Ele questiona se é possível resistir ao status quo sem ser rotulado ou marginalizado, e se a adaptação significa renunciar à própria dignidade e autonomia:

status quo (expressão que infelizmente tem caído em desuso, talvez porque, nos tempos que correm o status quo, é só um, ou seja, perdeu o quo, transformando-se em estado unânime e universal, também chamado global, de tal maneira que hoje praticamente mais ninguém luta contra o status quo, a não ser que tenha suficiente força anímica para suportar os rótulos pouco abonatórios com que passará imediatamente a ser designado), é não fazer ondas? É ser dócil, mesmo quando se é espezinhado? (Melo, 2001, p. 13-14)

Com essas reflexões o narrador insere Pedro Sanga na narrativa. Já dentro do elevador que o levará ao encontro de Soares Manoel, junto com Sanga, está outra pessoa que o narrador descreve como sendo uma mulher que também está indo se encontrar com o dono do escritório na cobertura do prédio. A descrição da mulher é caricatural, o que significa que ela é representada de forma exagerada ou estereotipada, com características que destacam certos traços de forma dramática ou humorística.

Pedro Sanga, olha para a jovem que está com ele no elevador, a pele de um preto esbranquiçado, tonalidade que apenas será uma contradição em termos, como se costuma dizer para quem não conhece este fantástico país chamado Angola, a terra do futuro, uma cabeleireira loira, visivelmente artificial, a blusa vermelha semitransparente deixando aparecer quase totalmente os seios, (se é que aqueles seios tipo ovo ou estrelado são dignos de qualquer aparição,) colants de leopardo justinhos, as coxas, e um sapato altíssimo, azul e dourado, que mal a mantém equilibrada. Será que esta gaja vai ter com um camarada excelência? E tem vontade de começar a rosnar. Tão mortificado estava. (Melo, 2001, p.14)

Neste caso, a mulher é apresentada como um exemplo autóctone da estética neobarroca. "Autóctone" significa nativo ou originário de uma determinada região, e "estética neobarroca" se refere a um estilo que mistura elementos do barroco histórico com elementos contemporâneos, e que alguns críticos associam à "pós-modernidade". Ao associar essa figura bizarra à ideia de Angola do futuro, o narrador cria um efeito cômico, destacando o contraste entre a imagem da mulher e a expectativa de um país moderno e promissor.

No segundo andar o narrador explora a perturbação psicológica vivida pelo personagem Pedro Sanga, evidenciada pelo conflito interno que ele enfrenta ao refletir sobre o significado de "adaptação", a qual se recusa a se adaptar e a se conformar com as expectativas impostas pela sociedade. O personagem rejeita a ideia de ser "domesticado", "acomodado", "ajustado" ou "modelado", expressando uma resistência intrínseca a mudar quem ele é. Ele enfatiza a diferença entre homens e animais, "um homem é um homem, um bicho é um bicho" (Melo, 2001, p. 14), defendendo a ideia de que um homem não deve se curvar às pressões sociais para se conformar.

O personagem argumenta que a adaptação é uma luta constante, e não simplesmente uma questão de se acomodar passivamente às circunstâncias. Ele acredita que, ao nascer, as pessoas "assumem [...] queira eles ou não, não apenas responsabilidade naturais, mais também sociais e históricas" (Melo, 2001, p. 15) e que os verdadeiros adaptados são aqueles capazes de enfrentar o mundo de frente, denunciando suas injustiças e lutando contra elas. Essa perspectiva do personagem reflete uma postura de resistência e integridade diante das pressões sociais e das imperfeições do mundo.

No terceiro andar, a narrativa também introduz o personagem Soares Manoel João, que representa um contraste com Pedro Sanga. Soares é descrito como um radical defensor da independência de Angola, buscando inspiração em figuras como Agostinho Neto, líder do movimento de libertação nacional. Ao longo da história, a memória de Pedro Sanga evoca diferentes momentos da vida de Soares Manoel João, revelando uma jornada marcada por mudanças e identidades múltiplas, conhecido como "Funje com Pão".

O narrador reflete sobre a importância de conhecer e assumir o passado para não se tornar vítima das manipulações do presente. Ele expressa preocupação com o futuro do país se as elites, os acumuladores de capital e os fundamentalistas continuarem a dominar o cenário político e econômico. Segundo Mantolovane (2007). "Soares passa a fazer parte do grupo que o narrador chama de "autoproclamados herdeiros de fortunas anteriormente inexistentes" (Melo,

2001, p. 16), ou seja, aqueles que ficaram ricos após a independência. (Mantolwane, 2007, p.135).

Esses pensamentos perturbam Pedro Sanga, hesitando em interromper o elevador e voltar para baixo. O narrador menciona exemplos históricos de violência humana, como a escravidão, os campos de concentração nazistas e o genocídio na Ruanda, para destacar a capacidade ilimitada do ser humano de humilhar os outros. Também faz uma observação sobre os elevadores, mencionando que foram introduzidos durante o período colonial e continuam a ser utilizados após a independência. Isso serve como uma reflexão sobre o legado colonial e as mudanças que ocorreram desde então:

A capacidade de humilhação dos seres humanos parece ser infinita, não o fez, deixando o aparelho prosseguir a sua viagem até o último andar do prédio em cujo terraço Soares Manuel João tinha o escritório da sua empresa, «com vista para a Marginal, meu! Um espetáculo! Quando aceitares a minha proposta vai lá ter comigo!». Para os leitores que não conhecem Luanda não desconfiem do presente relato – e sendo sabido que os elevadores foram um dos artefactos que, para recorrer a uma expressão popular «o colonizador levou» após a independência do país –, informa-se que nos últimos tempos começaram a ser edificadas alguns prédios completamente novos na cidade, os quais, naturalmente, estão apetrechados com esses equipamentos e não só. (Melo, 2001, p. 16-17)

Melo reconhece o potencial controverso de seus comentários e expressa preocupação em ser rotulado de antipatriota por questionar o status quo. Essa reflexão final destaca a complexidade das questões políticas e sociais abordadas no conto. Descreve Pedro Sanga enquanto passa pelo quarto andar do prédio no elevador, momento em que ele reflete sobre seu antigo amigo, Soares Manuel João. Pedro se questiona se seu amigo, que agora ocupa novos espaços e provavelmente alcançou um novo status social, ainda mantém os costumes simples de antes, “Será que o Camarada Excelência ainda continua a comer funje com pão?” (Melo, 2001, p. 17), uma refeição tradicional angolana. Esse questionamento sugere uma preocupação de Pedro em relação à autenticidade e à continuidade das raízes e dos valores de seu amigo após sua ascensão social.

Sanga continua a refletir sobre momentos e características de Manuel João, mas agora o foco está nos antigos ideais políticos que ele defendia. Isso mostra que Pedro Sanga ainda se lembra dos princípios e ideais políticos que seu amigo costumava ter antes de se corromper pelo poder.

[o]s catetes é que teriam que mandar na Angola do futuro, pois eram os únicos que já tinham estudado, como o demonstrava, aliás, o exemplo de Agostinho Neto, poeta, médico e revolucionário, que iria conduzi-los até a vitória final. Nessa «Angola do

futuro» que o Soares projectava, seria criado «um homem novo» que teria a missão de edificar o socialismo científico, o regime mais avançado da história da humanidade, onde todos os homens são iguais, sem burgueses, sem proletários, nem brancos, nem mulatos (...) (Melo, 2001, p. 19).

Este trecho destaca a trajetória de Soares Manuel João como uma ilustração da corrupção do poder e da mudança de valores que podem ocorrer quando alguém ascende a posições de influência e autoridade. Também ressalta a importância dos ideais políticos e sociais na formação da identidade de uma pessoa e na maneira como ela é percebida por outros.

Ao mesmo tempo, Pedro Sanga observa uma mudança na forma como seu amigo é tratado, referindo-se a ele de maneira diferente, não mais como "Camarada Excelência", mas talvez de uma maneira mais informal. Essa mudança na forma de tratamento sugere uma transformação na relação entre os dois e possivelmente uma mudança na identidade de Soares Manuel João, à medida que ele avança em sua carreira e na sociedade. De acordo com a Glória Bordini (2007)

O indivíduo moderno pós-moderno, portanto, vive imerso em situações de crise, das quais o choque se torna tão habitual que o desestabiliza em relação tanto a si quanto aos outros. Daí ele ser capaz de violências como genocídio e terrorismo, para não falar no crime cotidiano nas grandes e, agora igualmente, pequenas cidades, bem como o indiferentismo e ante a carência e a dor alheias, num processo de concentração no próprio eu que o isola dos problemas de convivência que aprendeu a ver como insolúveis (Bordini, 2007, p. 54).

Passando pelo quinto andar o narrador descreve uma mudança na personagem de Soares Manuel João. Antes, Soares era retratado como um combatente idealista, alguém que lutava por ideais políticos e sociais durante a luta de libertação nacional. No entanto, quando alcança o poder, ele se desvia desses antigos ideais e começa a agir de maneira egoísta, priorizando seu próprio enriquecimento em vez do bem-estar da sociedade. “Como é que esse gajo ficou assim? O tipo sempre foi o mais radical do nosso grupo, defendia que as classes deveriam ser abolidas e a exploração do homem pelo homem extinta para todo o sempre – como é que se transformou assim num novo-rico nojento? (Melo, 2001, p. 21) ”, que contradiz completamente seus ideais anteriores ao adotar um estilo de vida extravagante e corrupto.

O comportamento de Soares Manuel João é destacado como um reflexo da normalização da corrupção como meio de enriquecimento na sociedade retratada no conto. A narrativa mostra que Soares não é uma exceção, mas sim parte de um padrão mais amplo em que a corrupção é “aceita” e até mesmo esperada como uma maneira legítima de obter riqueza e poder. A decisão de Soares Manuel João de deixar o governo, reconhecendo que ele precisava

recusar a certas vantagens para evitar problemas maiores no futuro "ceder os anéis para preservar os dedos" (Melo, 2001, p.23). Ou seja, renunciar a algo de valor menor para manter o que é mais importante ou essencial.

Ao sair do governo, Soares adquire as principais empresas que antes tutelava como ministro, provavelmente por um preço muito baixo ou mesmo simbólico "certamente por uma bagatela" (Melo, 2001, p.23). Isso permite que ele se estabeleça como um dos primeiros capitalistas nativos de Angola, formalizando sua transição de uma posição de poder político para uma posição de poder econômico. Esse comportamento mostra como a corrupção e a exploração das conexões políticas podem levar à acumulação de riqueza e poder para alguns indivíduos, enquanto perpetuam as desigualdades na sociedade. Ao mesmo tempo, revela a falta de escrúpulos e ética de Soares ao aproveitar sua posição no governo para benefício próprio, em detrimento do bem-estar do país e de seus cidadãos.

Observa-se que há uma mudança nas convicções de Pedro Sanga ao longo da narrativa. Inicialmente, nos primeiros andares do elevador, Sanga acreditava que adaptação significava viver de forma honesta, em contraste com a esposa, que talvez defendesse uma postura mais flexível ou conformista. No entanto, à medida que o narrador se aproxima do apartamento de seu antigo amigo, Soares, Sanga começa a concordar mais com a visão de adaptação de sua esposa, que provavelmente envolve se adequar ao sistema vigente, mesmo que isso implique em comprometer alguns valores:

Pedro Sanga, mesmo a contra gosto, tem de apreciar a capacidade de adaptação do Soares. Como diria a minha mulher, o gajo sempre soube adaptar-se às situações. Realmente, lutou contra o status quo colonial quando, pensando bem, quase toda sua geração o fez. Como advento da independência, não hesitou em ser ministro, apesar de saber perfeitamente (o amigo queria acreditar nisso) que não possuía nenhuma formação específica para o lugar que lhe foi oferecido. Espantosamente, (Pedro Sanga ia dizer admiravelmente, mas recuou a tempo), aguentou-se como ministro durante mais de quinze anos, pois, apesar de não turgir, também não mugia. (Melo, 2001, p. 22-23)

A mudança nas convicções de Sanga é ressaltada pelo contraste entre sua postura inicial, de reprovação ao comportamento de Soares, e sua eventual admiração por ele conforme se aproxima de seu ambiente de poder e riqueza. O narrador utiliza a ironia para destacar como as escolhas de Sanga se assemelham cada vez mais ao modo de vida de Soares à medida que ele se aproxima do topo do prédio, simbolizando a ascensão ao poder e à influência.

Essa contradição nas convicções de Sanga evidencia a complexidade das relações sociais e das dinâmicas de poder, mostrando como os indivíduos podem ser influenciados e até

mesmo corrompidos pelo ambiente ao seu redor. Ao mesmo tempo, o narrador aponta para a crítica social ao destacar como as noções de certo e errado podem ser relativas e subjetivas, especialmente em contextos de desigualdade e corrupção.

Já no oitavo andar o narrador revela a atual ocupação de Pedro Sanga como secretário geral do Ministério anteriormente liderado por Soares, que agora está fora do cargo. Soares, buscando favores financeiros, procura Sanga para negociar um contrato público lucrativo para sua empresa. Soares apela para a antiga amizade entre os dois e oferece um acordo vantajoso para garantir o contrato.” Na verdade, eu preciso de um favor. Muito importante da tua parte! mas fica tranquilo: negócios são negócios! portanto, não deixarás de ganhar algum. (Melo, 2001, p.26) Soares precisa fazer com que um contrato público seja feito com a sua empresa. Essa situação coloca Pedro Sanga em uma posição delicada, onde ele é confrontado com a decisão de se submeter aos interesses de Soares em troca de benefícios financeiros ou manter sua integridade moral e recusar a oferta. A questão inicial sobre a capacidade de humilhação do ser humano é retomada neste momento crucial, sugerindo que Sanga enfrenta um dilema ético em relação à sua própria dignidade e princípios.

Ao chegar ao terraço Pedro Sanga parece ter se libertado das pressões e conflitos internos que o atormentavam durante a viagem de elevador. Ele não está mais sufocado pelos seus pensamentos e aceita os modos de vida e valores que o rodeiam. Isso sugere que, à medida que se aproxima do topo do prédio, ele se adapta ao ambiente e às normas sociais e ideológicas que ali prevalecem.

O espaço do elevador é apresentado como um espaço simbólico que aprisiona Pedro Sanga em seus próprios pensamentos e dilemas, representando a contradição e o embate ideológico que ele enfrenta devido à sua posição e às escolhas que precisa fazer. No entanto, ao chegar ao seu destino, ele parece ter superado esses conflitos e está pronto para agir de acordo com as circunstâncias. Quando o narrador menciona que Pedro Sanga "vai além do acordo inicial", isso significa que ele está disposto a fazer mais do que o combinado originalmente.

Trinta por cento? Caralho!, Sanga, ainda a dias dizia que não era desses e agora queres trinta por cento!? ... Aprendeste rápido, hein!? Vá lá, vinte por cento e fechamos o negócio... ao que ele respondeu com um «Feito!» o que lhe saiu da garganta como um murmúrio envergonhado, enquanto esfregava as mãos que, de repente, tinham ficado húmidas (sic) de suor. (Melo, 2001, p. 28)

A cena em questão destaca como as relações de poder e amizade podem influenciar as decisões das pessoas, especialmente quando estão em jogo interesses financeiros e políticos. Além disso, ela levanta questões sobre a corrupção e a ética no ambiente político

e empresarial,questionando até que ponto as pessoas estão dispostas a ir em busca de vantagens pessoais, mesmo que isso signifique comprometer seus valores e humilhar a si mesmas:

Pedro Sanga teve a estranha sensação de que já tinha estado naquele lugar, ou, então que já tinha passado por uma experiência semelhante. Mas, de repente, e antes que pudesse esclarecer essa dúvida, sentiu asco. Apenas teve tempo de correr e agarrar-se a um dos parapeitos do terraço, começando a vomitar sem parar, cada vez mais agoniado. (...) (Melo, 2001, p. 29).

De acordo com Ribeiro (2008), “Elevador” é nesse caso um símbolo da escalada social e econômica em um país marcado por guerras, descontrole político e ético. À medida que o protagonista se aproxima do “terraço”, ele adota um pensamento e comportamento alinhados às escolhas da burguesia (Ribeiro, 2008 p. 211).

A cada andar há o desenvolvimento do pensamento do narrador, que reflete sobre si e recria a imagem do amigo que visitará, traçando um paralelo entre passado e presente, passando pelo momento em que se conheceram. Pedro Sanga e Soares Manuel João, nomeados informalmente de “Camarada excelência”, são ex-combatentes da época da guerrilha de libertação nacional. No passado eles sonhavam com uma Angola em que o homem seria “novo” com a missão de edificar o socialismo científico. Mas no presente, esses pensamentos são deixados de lado, uma vez que utilizam de cargos públicos para se auto beneficiarem

“Epá, não me diga que as alturas te fazem enjoar?!” (Melo, 2001, p. 29). As “alturas” representam o topo da sociedade, onde estão as pessoas poderosas e ricas. Para Pedro, chegar a esse nível significa fazer coisas que ele considera erradas ou humilhantes. Ele está em conflito sobre até onde está disposto a ir para se encaixar nesse ambiente. Essa luta interior mostra como é difícil manter seus princípios em um mundo cheio de corrupção e pressões sociais.

Portanto, a pergunta que Melo faz no início do conto “Até onde é capaz de ir à capacidade de humilhação do ser humano?” uma reflexão sobre os limites da ética e da moralidade em meio às pressões da sociedade e do poder. Onde em determinadas circunstâncias, os seres humanos podem ser levados a cometer atos de humilhação, tanto contra si mesmos quanto contra os outros. Isso levanta questões éticas e morais sobre o que estamos dispostos a sacrificar em nome do sucesso, da segurança ou do prestígio social.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos contos "Cortejo" e "Elevador", João Melo nos mostra como o poder e a corrupção podem corroer os valores humanos mais fundamentais. Em ambos os contos, vemos personagens confrontados com dilemas éticos em meio a ambientes corruptos e de desigualdades sociais.

Em "Elevador" podemos compreender como os chamados "novos ricos" de Angola conseguem suas riquezas através de cargos públicos, como é o caso dos protagonistas Pedro Sanga e Manoel Soares, Personagens que anteriormente lutaram para que houvesse uma sociedade igualitária, mas que após isso, se deslumbravam com a facilidade de enriquecimento que o novo estado capitalista oferecia, passando por cima de seus princípios e valores.

Em o "O Cortejo" notamos como essas pessoas usam de forma extravagante esses recursos que deveriam ser destinados a população, mas para alimentarem seu ego e continuarem a ter prestígio na elite da sociedade. Esses "novos ricos" gastam o dinheiro com futilidades, como é o caso do casamento idealizado pelos pais dos noivos "Rui Carlos Caposso" e Leonilde Ferreira da Silva" que decidiram alugar uma carruagem para que o casamento possa ser lembrado por seu luxo e ser comparado a eventos da realeza. Enquanto a população não tem o básico para se viver com dignidade.

Em seus contos podemos observar a habilidade de João Melo em criar textos que lidam com temas impactantes, que provoca uma resposta emocional e intelectual nos leitores, características essenciais para a força de suas obras. Ele oferece diferentes perspectivas e representações que provocam desconforto no leitor devido às tensões e complexidades presentes. A narrativa é conduzida de forma seca e crua, sem rodeios, o que intensifica o impacto da história e a torna mais profunda. Isso cria uma expectativa de leitura que vai além do entretenimento superficial, levando os leitores a confrontarem questões difíceis e desconfortáveis sobre a natureza humana e a sociedade.

Com esses estudos foi possível observar que a narrativa angolana contemporânea tem seu engajamento voltado para as questões sociais e política de Angola. É possível identificar que a sociedade angolana mesmo em situações subalternas continua resistindo e lutando por um futuro melhor e que essa narrativa engajada a questão social é amplamente reconhecida e valorizada tanto dentro como fora de Angola, desempenhando um papel fundamental na formação da identidade nacional e na promoção de uma consciência crítica entre os leitores.

5. REFERÊNCIAS

MELO, João. **Filhos da Pátria**. Luanda: Editorial Nizila, 2001.

PADILHA, Laura. *In: Novos Pactos. Outras ficções: Ensaio sobre 'Ficção angolana pós-75 processos e caminhos'*. Porto Alegre - **EDIPUCRS**, 2002: Coimbra - Imbondeiro, 2003.

NOA, Fernando, *In: Marcas da diferença: as literaturas africanas de língua portuguesa: Ensaio sobre 'Modos de fazer mundo na atual ficção moçambicana'*. São Paulo: **Alameda**. Acesso em: 20 maio 2024, 2006.

CHAVES, Rita. *In: África-Brasil: caminhos da língua portuguesa*. Organizadores Charlootte Galvez, Hélder Garmes e Fernando Rosa Ribeiro. Campinas: **Editora da UNICAMP**, 2009.

LUGARINHO, Cesar, 'Ética e poética em João Melo' de Mário. 2023. Disponível em Mário César Lugarinho - Ética e poética em João Melo - Literatura Afro-Brasileira (ufmg.br)

PORTO, Ana Paula. Contística pós-independência da dor e da violência: notas sobre Filhos da Pátria, de João melo. **Nonada: Letras em Revista**, vol.1, núm. 22, mayo-septiembre, 2014 Laureate International Universities Porto Alegre, Brasil.

SILVA, José. **Voz e ironia na obra Filhos da Pátria**, 2023. 106 f. Dissertação (pós-graduação) - Universidade Estadual de Paraíba.

SOUZA, Renata. **Poder, corrupção e desilusão: o espaço e a espacialidade da linguagem no conto o elevador**, de João Melo, 2007.

SOUZA, Renata. **O espaço na obra de João Melo: desilusão, violência e resistência**, 2021.

MANTOLVANI, Rosangela Manhas. **A Pátria de João Melo: Um Estado multicultural**. São Paulo: Revista Crioula, s/p 2007.

RIBEIRO, Roberto Carlos. **Resenha: Filhos da pátria**. Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 43, n. 4, p. 99-112, out./dez. 2008.

XAVIER, Lola Geraldés. O discurso da ironia em literaturas de língua portuguesa. Lisboa: Imbondeiro, 2007.